

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES



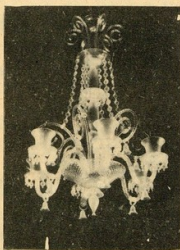
MARIANINHA REY COLAÇO ROBLES MONTEIRO

Rey-Colaço Robles Monteiro surgiu, pela primeira vez, no palco do Nacional, para se apresentar no seu notável recital. Versos de portugueses, ingleses, brasileiros, franceses e espanhóis tiveram, como raras vezes, uma notável interpretação por parte do notável artista que se viu rodeado de palmas, de flores e do aprêço do público lisboeta.

ANO V-N: 214 21 DE JUNHO DE 1945  
PREÇO AVULSO 1580

# A ELECTROTÉCNICA BATISTA, SANTOS & C.ª, L.ª

Rua da Glória, 29-37 — LISBOA — Telef. P.B.X. 2 9531



LINDOS CANDEIEIROS  
DE TETO E DE MESA

\*

O MAIS VARIADO SOR-  
TIDO DOUTROS AR-  
TIGOS E MATERIAL  
ELÉCTRICO PARA USO  
INDUSTRIAL E PARTI-  
CULAR.

NA NOVA SÉDE DA REPUTADA FIRMA

**A ELECTROTÉCNICA**  
BATISTA, SANTOS & C.ª, L.ª

ESTABELECIMENTOS E ESCRITÓRIO  
Rua da Glória, 29-37 — Lisboa

ARMAZENS E OFICINAS  
Rua da Glória, 6

*Tecidos para vestidos  
em tons e padrões exclu-  
sivos e seleccionados em  
Groseira, Mussel, Seda  
Valona*



O mais variado sortido

*casa*  
**Xanel**

**AV. CONDE VALBOM, 84 — LISBOA**

*Malhas*  
**LOCITAY**



NA CIDADE  
NO CAMPO  
NA PRAIA

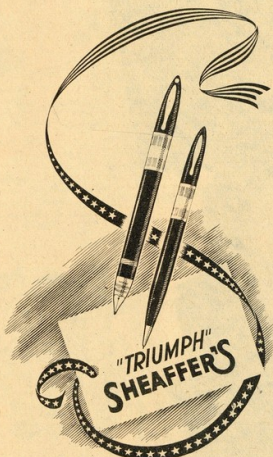
\*

*Malhas LOCITAY*

\*

REVELAM  
DISTINÇÃO  
E BOM GOSTO

**A VENDA NAS MELHORES CASAS**



**"TRIUMPH"  
SHEAFFER'S**

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & DUARTE, L.ª  
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1º — LISBOA — TEL. 26297



# DAMIÃO DE GÓIS, GRANDE JORNALISTA

Pelo DR. JOÃO DE BARROS

**L**IS que surge de novo entre nós, viva e varonil — graças à evocação impressionante, exata e sobria de Luís de Câmara Reis no prefácio dos *Opúsculos Históricos* de Damião de Góis, recentemente publicados pelo Visconde de Lagoa — eis que a vemos e sentimos de novo presente e próxima a figura do insigne humanista, amigo de Erasmo, e amigo e companheiro sempre de quantos estimam e veneram as inteligências lúcidas e as consciências límpidas. Aqui, por assim dizer, o vemos e ouvimos o mestre da tolerância, o exemplo de sábia fraternidade social, o apaixonado da justiça e da verdade, cuja presença espiritual é hoje, como nunca o foi, de flagrante oportunidade, o expedite escarninhante ao mundão que durei retratos *aficionados* abertos e fechados, em *plenas* *juventudes*, de trato encantador e de camaradagem leal, embora — e nem outra coisa seria de esperar — pouco apreciado dos nobres do reino... O historiador famoso da *Crônica de D. Manuel*; o diplomata; o pensador; o incitador da cultura da Pátria que tanto honrou, honrando todo o universo civilizado da época; o moralista e o sábio — Luís da Câmara Reis o trouxe outra vez ao nosso convívio, nas páginas do seu erudito ensaio, onde, a par da condição, passa e nos cativa um ardente fruto de admiração, de merecida e justa admiração por esse alto representante da mentalidade europeia de ontem e de sempre. E há mesmo, na fiel ressurreição da personalidade de Damião de Góis um traço, uma faceta, que Luís da Câmara Reis faz sobressair, e que me parece desconhecida ainda: — a sua capacidade, ou o seu gosto de propaganda, que o leva a realizar o que nós hoje, com a imprensa cotidiana, chamamos as grandes reportagens ou *inquéritos*. E não era tal faceta do talento múltiplo de Damião de Góis a menos interessante e importante, sem dúvida, da sua actividade literária. Luís da Câmara Reis acentua que nos opúsculos do célebre cronista — escritos em latim, língua internacional do tempo, claro está — existe e se verifica *uma intenção generosa, humanitária, altruista, uma sfeição de propaganda imediata, de panfleto...* e que o seu estilo é, então, *esporadicamente rasteiro e modesto*, isto é, acessível desde logo aos mais leigos. Damião de Góis *evinc* no seu tempo e para o seu tempo, e como um grande jornalista ou repórter, insiste Câmara Reis. Possui, de facto, agilidade de visão, rapidez de comentário, agudeza e *sa-prospicção* de observação que só os jornalistas de índole ou de vocação ingênita são dados. *Os opúsculos fatuosos* — radidos e editados agora — lançados por Damião de Góis *saindo ávidos de tinta, para as centenas de humanistas, políticos, políticos que orientam os países mais altos*, e nêles se encontram *um calor e um interesse de actualidade vivida, mercê dum temperamento generoso, actuante, presentes*.

Nesta nossa tumultuosa época, tão necessitada de idéias nítidas que orientem e de sentimentos singelos que eduquem os povos e os indivíduos — de bom jornalismo, pois — a lição de Damião de Góis contém nos *Opúsculos Históricos* — lição de generosidade, de imparcialidade, de tolerância, sempre de tolerância que não exclua, antes afirma justiça, de equilíbrio de alma e de superioridade de critério — não é para se desperdiçar. Meditámo-la. E não nos arrependamos nunca — louvando Luís da Câmara Reis que a aponta e indica — de compreendê-la, de segui-la e de tentar praticá-la o melhor que nos seja possível e o mais que nos seja consentido...

## SEM QUE PAREÇA UMA ENTREVISTA MARIA LEONOR

### UMA VOZ NOVA AO MICROFONE DA EMISSORA, DIZ-NOS QUEM É E O QUE PODIA SER

**M**ARIA Leonor é uma locutora moderna, cheia de mocidade, que já conquistou simpatias na família da Rádio. Está há pouco tempo na Emissora, mas isso não impede que, dia-a-dia, a sua personalidade junto do microfone se afirme como uma certeza.

O leitor que vive fora destes ares do Queilhas não conhece o sacrifício de uma locutora — em que e a tortura dum locução — em que e todos os nervos vibram dentro da cabina, para que os que estão regados em casa, de pernas traçadas, possam saborear a emissão sem o mais ligeiro deslize...

Pois nós vamos contar-lhe algumas coisas do que nos revelou esta jovem locutora, a braços com a emoção e os perigos da técnica...

Foi por isso que a nossa curiosidade a deteve por escassos minutos, a saber as suas impressões, sem o ar circunspeto da entrevista marcada com magnésio pronto a sair — o oh! de surpresa costumado.

Antes de vir para a Rádio — começa por nos dizer — fazia uma vida calma, embora ocupada. Lia, estudava. Sou mais curiosa pelo movimento de que contemplativa do espaço...

vig. há uma certa...  
 Maria Leonor, muito viva, atalhou: — Uma certa semelhança, não é verdade? A terra também apresenta numerosas constelações de estrelas. Veja a América: verdadeira fábrica de astros, que ora surgem ora se apagam.

Põe-se um ponto final na astrologia da moda. A rádio, o cinema, o teatro, são a tentação da mocidade.

Maria Leonor não quer dar, porém, uma opinião sobre o caso. E continua a explicar-nos: — Fiz toda a minha educação num colégio inglês. Tiro o curso dos liceus — e já sentia uma vontade enorme de enfrentar o microfone. Todavia, nunca se proporcionava a ocasião. Até que um dia houve um concurso para a Emissora. Concorri e fiquei bem. Era o meu grande sonho. Fiquei radiante. Quando entrei pela primeira vez, na cabina, senti uma emoção profunda. Pouco mais tinha de vinte anos — era inexperiente, não me sentia segura, mas não absolutamente à vontade.

E depois duma pausa, Maria Leonor continua: — Os meus colegas rodearam-me de atenções. De todos recebi provas de estima, que nunca mais esquecerei. Estou satisfeita — embora saiba que muito terei ainda que trabalhar.

— E não tem medo do trabalho? — Nenhum. Adoro a minha profissão. E não há nada como a gente se sentir amada e cercada. Sófrago, porém, na vida dos locutores pequenos

(Continua na página 16)

# SANTOS POPULARES

**O** Quim, miúdo irrequieto do Beco do Paradal, aqui ao lado da minha porta, meteu-se este ano numa alhada que lhe ia valendo uma sova do pai, deleito da mãe. Bem vivistas as coisas, o garoto não teve culpas de maior e foi inocente no seu acto, como infantis foi o seu delicto. Todavia, o Xico, homem ríspido, de mãos cabeludas, não gostou da partida do filho, e se não lhe chegou as manoplas grossas aos fundidos das calças foi porque a avó se meteu de pernilo, investida de autoridade.

O Quim, à tardinha, punha a porta, em cima do terreiro desgrenado, a banquinha de madeira do Santo António — e, de bandeja, abeirava-se dos que passavam e pedia, com toazinhozão para o Santo António.

Claro que não havia de ser a pobre imagem de barro que havia de tomar conta do dinheiro, os bolsos do bibe do Quim guardavam as moedas, temporariamente, até se sumirem no gavetão do Carlos da Letitaria, em deliciosos rebuçados.

Deve dizer-se, em abono da verdade, que a vizinhança é avessa a esta caridade para gulososimas.

E, certamente, no Beco do Paradal — uma colmeia de vinte almas — ninguém socorreu o Quim por esse sete anos pedracho. E que se o Quim não abunda, e todos o trazem contado quando o não perdem de vista com a falta de trabalho.

Mas o Quim é um garoto vivo, inteligente; a sua cabeça, encaracolada, lembra a dum boneca de bazar; tem qualquer coisa de radioso e belo nos seus olhos azuis, de um brilho suave. E três palmos de carne irrequietos e gárgulos, põem a casa — quatro pobres dividiões — em alvoroço. Com os seus olhos azuis, de um brilho suave, e três palmos de carne irrequietos e gárgulos, põem a casa — quatro pobres dividiões — em alvoroço. Com os seus olhos azuis, de um brilho suave, e três palmos de carne irrequietos e gárgulos, põem a casa — quatro pobres dividiões — em alvoroço.

Mas, voltando: com a lóbia e o desembarço de fala, um ar esperto na moleira de catralo, o Quim, mal chegou a quadra dos Santos populares, por

oratório à porta. E estava bonito — o malandrete teve artes e acertou.

O sr. Rufino, sargento aposentado, que é da Irmandade dos Passos, deu-lhe dois tostões — e a sr. Baptista, muito devota, meteu na bandeja cinco tostões novinhos.

De modo que o Quim, com a grossa colheita monetária — ali uns três escudos, que foi quanto rendeu a pedrinha para o Santo António — comprou amendoadas e cerejas. Sófrago, ingeria tudo aquilo. Resultado: andou oito dias doente, a caído, cheio de febre.

O Xico de estiva, seu pai, quando soube da história quis pregar-lhe uma tarala.

E o Quim lembrou-se, então, do seu Santo António de barro, que se livrara dos acóites.

Tantas coisas lhe disse que o Santo acedeu — com a condição de não voltar a pedir dinheiro evocando o seu nome, para gastar em cerejas no lugar da fruta.

MANUEL MARTINHO



# CÉSAR E CLEOPATRA



**G**ABRIEL Pascal, que foi um dos produtores de «Pigmaleão», e passou a «Histórias de Lisboa», conseguiu converter Bernard Shaw ao cinema, está a dirigir «César e Cleopatra», segundo a peça célebre do famoso humorista irlandês. Trata-se dum verbeo em technicolor, realizada com uma grandeza invulgar, e que tem nos principais papéis Vivia Leigh, na tentadora Cleopatra, e Claude Rains, na figura do imperador romano. Cendrio, da margem do Nilo, junto a grande esfinge, de que Vivien parece ser uma adorável encarnação.

## NOTA DA SEMANA

**N**a última semana, todos os cinemas de Lisboa exibiam filmes de guerra. Para onde quer que o espectador se voltasse, só encontrava soldados, tiros, bombardamentos aéreos, vítimas inocentes — todo o estendal de sofrimento e de ignominias, de heroísmo e de violência que esta guerra nos trouxe.

O fim das hostilidades na Europa tornou possível a exibição daquelas películas que a política de neutralidade, adoptada pelo nosso país, não tornara aconselháveis. E, assim, Lisboa encontra-se sob um dilúvio de filmes de guerra, alguns de mérito assinalado, outros menos felizes na realização e nas intenções.

Já aqui o diáspora que muitos meses se passariam antes que o toque de cessar fogo se fizesse ouvir na tela branca. Os factos corroboram a afirmação. Oxalá o cinema abandone estes temas, muitos deles já gastos, e se consagre à tarefa de nos dar bons filmes de diversão, o que não exclui, evidentemente, a necessidade de nos habilitar com obras sobre o grande passado que a Europa viveu, desde que as mesmas se elevem à altura dos motivos que as inspiraram.

## OS FILMES TAMBÉM SE MEDEM AOS PALMOS

O produtor Leslie Renton realizou recentemente um inquérito entre 2.500 exhibidores dos Estados Unidos e do Canadá para saber qual a duração ideal dum filme de fundo, no que diz respeito ao tempo de projecção na tela. Por esmagadora maioria, chegou-se à conclusão de que nenhum filme deverá exceder 90 a 100 minutos. Para além dessa marca — salvo as excepções que confirmam a regra — os espectadores perdem em rendimento espectacular o que ganham em metragem; os programas desorganizam-se pela impossibilidade de incluir o número normal de complementos, que o público tanto aprecia, etc. Se for mais extenso, um mau espectáculo não beneficiará, da mesma forma, que um bom filme não será prejudicado por ter apenas hora e meia de duração na tela.

A campanha contra os filmes grandes — não confundir com grandes filmes — tem-se afirmado nos últimos tempos, sobretudo desde que as produções com duas horas se tornaram cada vez mais frequentes. É evidente que a América aumentou o padrão de metragem por algumas razões. É a principal, todos sabem, foi a de evitar a constituição dos programas duplos, prática que se estava generalizando assustadoramente. Um filme com 110 ou 120 minutos não suporta a presença de outro, na mesma sessão. Daí a política de «fazer metragem», para cortar o mal pela raiz. Mas estas soluções extremas têm inconvenientes. E agora são os exhibidores que se apontam.

Entre nós, os empresários também se queixam dos filmes longos. Não só se priva o espectador dos complementos como se obriga a chegar a casa tarde e a más horas, pelo facto de, a partir de certa hora, os meios de transporte começarem a escassear. O limite ideal para termo do espectáculo nocturno — no actual regime de exploração — é a meia-noite. Numa cidade como a nossa, com uma deficiente e morosa rede de comunicações, tal facto equivale a recolher a casa a horas consentâneas com as obrigações do dia seguinte. Mas, quantas vezes, o espectáculo termina depois, atenta a metragem do filme de fundo? O próprio exhibidor detesta os filmes que o obrigam a encerrar as suas portas depois da meia-noite, pois cada minuto a mais reverte logicamente em seu prejuízo. O público, de facto, paga o bilhete na base de duas horas e meia (21,30 às 0 horas) de espectáculo...

O que será quando se exibirem, entre nós, «A Filha do Dragão», «Por quem dobram os sinos?», «O Objectivo Burma», «As chaves do Reino», «Wilson», «A vida e a morte do Coronel Blimp» — ódios com mais de duas horas e meia, sem contar com intervalos e complementos?

Se o custo de um filme é sempre, de certo modo, proporcional à metragem, este aspecto de metragem ideal não pode deixar indiferente a produção caseira. Com efeito, assim como o empresário não cobra ao espectador nenhum suplemento pelo facto do espectáculo ultrapassar a duração normal — um filme português não tem possibilidade de arrecadar mais receitas se tiver duas horas de projecção, em lugar da hora e meia ideal. Industrialmente, o filme estará tanto mais certo quanto mais se aproximar do padrão dos 90 minutos. Por isso, a despesa feita para além desses limites não tem contrapartida na receita. E quanto a nós, esta é a forma mais racional e menos perigosa de baratear o produto.

Não nos esqueçamos de que, pelo menos oitenta por cento dos filmes portugueses atingiram ou ultrapassaram a marca dos cento e vinte minutos.

FERNANDO FRAGOSO



Um par eterno! William Powell e Myrna Loy vão reaparecer, na próxima época, num filme que se intitula «Ali vem Nick». Eis uma notícia que a leitores vão receber com agrado, já julgando pela foto, Myrna — há tanto tempo ausente das telas mundificadas — regressa mais encantadora do que nunca. E William Powell parece ter descoberto o segredo da mocidade eterna!



OS FOTÓGRAFOS INDISCRETOS DA CINELÂNDIA

JÁ O DISSEMOS E REPETIMOS: SÃO O TERROR DAS ESTRELAS! SURGEM DA SOMBRA, SEM QUE NINGUÉM DELES SUSPEITE. ACENDE-SE UMA LUZ — E «CLICK». A CHAPA ESTÁ FEITA. VEJAMOS ALGUNS DOS RESULTADOS:



No «Mocambo», o restaurante famoso de Hollywood. Será lícito duvidar?!... Esta foto diz-nos que Norma Shearer está, de facto, apaixonada por seu marido, Martin Arrouge.



Outro casal famoso: Robert Taylor e Barbara Stanwyck. A julgar pelas expressões, não estão lá muito contentes. Barbara parece implorar. Robert ouve-a contrariado...



Dois expressões graves, no meio da ruindosa alegria... É a velha Europa que chega: Jean Gabin e Marlene Dietrich. Ele e ela, novamente nas asas da fama... E, ao contrário, do amor também...



Ann Sheridan pisca o olho ao fotógrafo como que a dizer-lhe: «A mim, não me arrelias tu». A seu lado César Romero sorri. Será do penteado da estrela, que arranjo como que uma «rodilha» natural?...



Um intervalo de filmagens no estúdio. A Olivia de Havilland «ressoraram» duas tranças... Com o calor que estava, Charles Boyer tirou o cabelo postiço, que lhe disfarça a prematura calva... Cabelo a mais, cabelo a menos — um caso de capilaridade...



Oh!... Oh!... Bob Hope dir-se-ia «constrangido». O caso não é para menos... Dum lado, Joan Blondell. Do outro, Frances Langford... Ainda que a hora não seja para indiscrições, Bob não sabe se pende para a «esquerda» ou para a «direita». A posição de «neutralidade» parece incompatível com as pressões...

MODAS DE HOLLYWOOD



Maria Montez apresenta um modelo elegantíssimo para um vestido de «imprimé». O chapéu, tão simples e tão bonito, completa admiravelmente o conjunto. O que pensam as leitoras?



Eis um dos mistérios que Lou Castello não consegue explicar. Porque seria que a bailarina Joan Valerie escolheu Budd Abbott para esta cena de amor? Dar-se-á o caso que as mulheres prefiram os gordos?...

A FAVORITA DOS SOLDADOS

NAS selvas da Birmanla, nas paragens longínquas do Pacífico, nas ilhas dos coqueiros e da morte, o sorriso de Betty Grable ilumina os soldados. Favorita da «army and navy», a loira vedeta, que o nosso público tanto estima e admira, enviou para o Ultramar, em resposta a outros tantos pedidos, 65.800 retratos, que podem ver-se agora nas camaratas e tendas de campanha dos soldados. Ela é, por assim dizer, a representação gráfica dos seus objectivos de guerra: a alegria de viver, a paz, o regresso ao lar.

Este sorriso de Betty Grable, na opinião dum jornalista célebre, vale bem pelo melhor discurso de incentivo e de estímulo para bem cumprir.





# ...MÚSICAS EM... ...MÚSICAS...

## • POR BASTOS GUERRA •

AO há distâncias em África  
— disse ela pela segunda vez.

A voz era cantante e ao mesmo tempo um pouco rouca, no tom melodiosamente áspero dos violinos ligzianos.

Sentir a saber por quê, João sentiu instintos de contrabasso. A tentativa de acompanhar, em notas graves, aquela afirmação musical. E certo que ele não conhecia a África. Tinha das colónias uma noção pedagógica, polarizada em palavras soltas: *imboredeiro* ou *boabó*, os *Fulus*, *planalto da Huila*, *impasto de palhotas*... Mas «África» era, nesse momento, uma nota aguda, uma entonação de soprano. Por isso exclamou, abarbatado e comunicativo:

— Com efeito, não há distâncias em África. Accentuando: é nestamento.

— Tenho ou so lizer.  
Ela voltou-se, embarrilhando a boca num sorriso publicitário, que saíu-lhe facilmente, em fotografia, qualquer nova marca de cigarros ou de alimentos consumáveis. João achou-a agradável. Conhecia muitas mulheres, mas nenhuma em semelhantes circunstâncias. Ao balcão de uma retrorazia, escolhendo *filosofia*. Dir-se-á que em cada momento mil mulheres estão fazendo compras em mil retrorazias. João nunca entrava em estabelecimentos desse espécie. Não admira que o pertubasse a originalidade da situação.

Reparando melhor, chamava-se Amélia e nem sequer era bonita. Tinha os cabelos platinados, o que criava a sugestão, cruel e útil, de os arrancar um a um para bordar paramentos ricos. A boca parecia destinada a beijar apenas o boião de creme. Consequentemente, os olhos muito azuis já não impressionavam; apanhavam-se sem relutância que tinham saído de um banho de anilina.

Fôsse como fôsse, todo o espírito crítico cedeu o passo quando o violino interrogou.

— Nesse caso nunca foi além da metrópole?  
O contrabasso procurou a maior quietude das tonalidades para responder:

— Nunca se proporcionou ocasião.  
Foi assim que começaram a amar-se.

.....  
Muitas vezes João pensou que talvez as meadas de *filosofia* encerrarem um estranho poder magnético. Uma pedra é capaz de fazer descarrillar um comboio. Uma fatisca é capaz de decompor a água. Possível, perfeitamente possível que, reunidas, a sêda entrançada, o desmaio químico dos cabelos, o vermelhão dos lábios, a decora da voz — dessem origem a uma alquímia com uma composição tóxica, um estupefaciente afectivo.

Se a amava profundamente? Decerto que não. Era, que, que o fôsse dos poetas e dos filósofos e dos místicos explora em larga escala, nunca ele a tinha conhecido. Fô muito menos agora. Com tódá a simplicidade: gostava da voz dela. À sua maneira era limitada, relativa, restrita. Não provinha da alma. E, des sentidos, só o ouvido estava verda- damente interessado. João amava de modo parame- nte acústico, como um telefone poderia amar, pelas vibrações de receptor. Ou seja: amava-em disco, num passo do Capitúlio à Rocha Tar- pela. Do timpano ao coração medelam apenas alguns felix nervosos.

.....  
E, portanto, se de repente Amélia lhe segredasse o fatal «está tudo acabado entre nós» — João ficaria irremediavelmente triste. Pela simples razão de que ele a experimenta por pedras, por sons, por melodia. Se a significasse por gestos, se usasse do alfabeto dos surdo-mudos, João com certeza mostraria a maior indiferença — talvez avôl.

.....  
E foi assim que João reconheceu que estava ligado àquele rapariga por um doce fio de voz e um frágil lame de *filosofia*.

.....  
Como tódá a gente, João afez-se, por auto-sugestão, à sua rábula erótica. Os sentimentos persistentes não são sentimentos: são hábitos. João habituou-se a querer à proprietária das cordas vocais de alicante vibração. Outros escolheriam um sorriso amável por motivos estranhos, os filhos, as herdades, a condição social, o bordado a matiz. O amor de João mais próximo da Natureza, via-se ao menos um objectivo anatómico — a laringe.

Da mesma maneira que um maneta tem uma noção incompleta lébrica dos números dígitos — um apaixonado só imperfeitamente avalia de tódas as repercussões dos seus impulsos sentimentais.

Jamais ocorreu a João que, para além do encantamento da voz, teria de contar com uma rede de malhas apertadas: uma família, um círculo de relações, um mundo de ideias feitas, de ritos, de regulamentos, de praxes. Quando se puxa a toalha de uma mesa posta, não é só a toalha que cai — é tódá a loja que repousa em cima dela.

João, que começara por simples ouvinte, depressa ascendeu ao patamar do noivado oficial. Não foi difícil. Amélia já estivera quasi noiva. Mas o pretendente era pobre. Abrasgada em amor maternal, Dona Júlia recusou-se a vender a filha por tão baixo preço. Ora João pertencia a uma excelente família — cuja excelência se via precisamente da desonestidade com que diversos ascendentes tinham amelhado consideráveis bens de raiz.

Fêz-se silêncio. João tomou o seu lugar, à direita da dona da casa, sua futura sogra. A luz, demasiado crua, envolvia num halo de chipas os móveis abastados e as pratas decorativas. Este conjunto dispendioso dava-lhe a impressão de estar sentado junto à portinhola de um automóvel de preço, sob a ofuscação do verniz das madeiras e do cromado dos metais. Havia dezoito pessoas à mesa. Quasi tódas de fisionomias incharacterísticas, traços universais. Caras como as que a gente faz à lípia por desfadito, em momentos de vazio espiritual ou de expectativa.

.....  
Era um jantar de cerimónia. Muitos talheres, muitas pinças, muitos copos. Espátulas, bistris, provetas... Um desses banquetes de laboratório, que não chegam a ser uma refeição, pois não passam de uma casreira morosa.

.....  
A conversa, prejudicada pelo manejo da complexa aparelhagem, começou a pouco e pouco a subir de tom. O senhor Magalhães, pai de Amélia, mostrava-se verdadeiramente loquaz. Antigo farmacêutico em Angola, espírito regado e positivo, procurava dar largas à sua mediocre imaginação, por longo tempo soterrada sob a rigidez dos formulários. Mas a marca profissional lá estava. Quando, finda a sopa, Dona Susana de Mendes Rodrigues do repete a um comerciantista, lhe observou que tinha estado um dia de Prímio-vera, o senhor Magalhães majormente interessado, fez um ímagine a sua con- cordância:

.....  
«Lástimo tempo! Um céu de azul de mililene, com nuvens de algodão hidrófilo.

.....  
Houve uma pausa — e a voz de

tímir sincopado dos cristais. Ao fundo da mesa, a moresca e langorosa Judite restou a sua conversa lébrica de malmequeres:

.....  
«...Pode ter a certeza. Ao desfolhá-los, já sei qual val ser o resultado final.

.....  
«Nada mais fácil (interveio o senhor Magalhães). Nem é preciso arrancar as pétalas. Basta contá-las. *Mal-me-quer, bem-me-quer, muito, pouco, nada*... Cinco possibilidades. Se o número de pétalas é múltiplo de cinco, apuramos fatalmente como resposta: *nada*. Se, dividindo por cinco, dá como resto, por exemplo, três — aí temos *muito*. Como vêem, sou forte em contas.

.....  
«De facto. Não há distâncias em África — confirmo gravemente o senhor Magalhães.

.....  
João curvou-se sobre o prato, aturdido, com uma sensação de frio na espinha. *Não há distâncias em África*... Tratava-se então de uma frase tradicional, propriedade comum da estirpe Magalhães, como as pratas do aparador, os retratos da sala, o artrismo que exigia crua termal colectivos... E, principalmente, tódá a solução se desvanecera. Não há distâncias em África! A declamação de Dona Júlia em fabelo, o comentário ribombante do senhor Magalhães — tinham inutilizado para sempre a música pura que embalara os seus ouvidos. Era mesmo vexatório. Como se escutasse a *Quinta Sinfonia* tocada, de improviso, em ocarina e em violão.

.....  
Ao lado dele, Amélia atacava a lagosta à arma branca, em combate singular. O olhar de João pousou distraidamente no crustáceo, fixou-se na mão que o golpearava subtilmente pelo braco, pelo ombro, pelo pescoco de Amélia. Na verdade, aos gestos faltava distinção. E as orelhas eram felix. Sempre lhe parecera, afinal. Mas nunca tinha pensado que fosse uma coisa tão importante.

.....  
De súbito, a lagosta, impelida em falso, deu meia volta no prato, derdejando sobre João os seus olhos escuros, que luziam num misto de compreensão, de súbtila e de ironia. Ele apiedou-se do pobre animal, indefeso perante Amélia, filha do senhor Magalhães.

.....  
A sobremesa estava no fim. João, arredando o talher da fruta, falou a Amélia, em confidência:

.....  
«Realmente não há distâncias em África. Em Lisboa é que as há — e grandes. Acontece até que uma pessoa, que nos habituávamos a ver, desaparece e nunca mais a encontramos. Não te admires se amanhã...

.....  
Nesta altura Dona Léria levantou-se, logo imitada por tódos os presentes. Era tempo de passar para o salão ao lado, onde seria servido o café.

(Da novela inédita «A Batalha da Paixão»)



BORGES CORREIA ILUSTROU





Filinto Elísio.

# TEMAS DE SEMPRE FILINTO ELÍSIO

PELO DR. CARLOS OLAVO

**F**ILINTO Elísio chegou a Paris no dia 13 de Agosto de 1778. Mas chegou tão abalado pelas comições da fuga, pelas vicissitudes da viagem, pelas saudades da terra, que adoeceu, e mais dum ano passou sem que se sentisse capaz de dissipar as suas mágoas na admiração das belezas novas que o rodeavam ou nos prazeres calmos do estudo.

Paris era já nesse tempo a cidade prestigiosa que fascinava o mundo inteiro. O fulgor do seu espirito, a simpatiosidade da sua corte, a elegância dos seus salões, a influência das suas letras, o renome dos seus artistas, constituíam para os povos que a viam de longe uma deslumbrante sedução.

Filinto apenas pôde abrir os olhos e fixar a vista no panorama que tinha em volta, solto, num soneto, esta exclamação impressiva e jubilosa:

Que Paris, meu Afenão! (\*) Que país!  
Que ricos trajes! Damas rocamantes!  
Meduras de primor! Risos amantes!  
Cortezes, melindrosos galanteios!  
Que teatros, de mil belezas cheios!  
Que jardins assados e elegantes!  
Que sombras táticas, que os mi flagrantes  
Furtos cobrem, de amantes deves!  
(Inoio!)

Viva Paris! Aqui a lira ociosa  
Porei c'os louros nos odosas alas  
Aborridos do Amor, da Formosura.  
E escreva em baixo a gratidão for-  
çosa:  
«Aquí Filinto, contra as tiranias,  
Cobheu abrigo, e na solidão obscuro».

São estas as primeiras impressões do poeta em que se reflectem a alegria da vida na grande cidade, a ternura dos lábios, o requinte das mulheres, o gosto dos jardins, o esplen-

do dos teatros, a generosidade do seu acolhimento e, sobretudo, a liberdade, a serenidade, a doçura que para o deventurado perseguido representava este amável e consolador ambiente.

Paris é a cidade dispersa pela sua grandeza, diversa pelo tipo e variedade do seu habitante, multiplice pelos seus aspectos numerosos e diferentes, mas onde o homem solitário se sente acompanhado, de tal forma é fácil a comunicação com o semelhante e suave e familiar a atmosfera que tudo envolve.

Paris é a cidade mais familiar do mundo. Familiar sem ser oppressiva, fútil sem ser fria, bela sem ser monótona. Não admira, pois, que Filinto sentisse, nos primeiros tempos, consideravelmente mitigadas a sua dor e a sua saudade. E se não fosse a injustiça que o pungia, a expoliação que o atirava gradualmente para a miséria, a deslocação do meio onde tinha nome, prestígio, conforto, amizades, o exílio não teria sido para ele como foi um castigo e uma amargura.

E preciso notar, além disso, que a estrutura moral do poeta era rigidamente portuguesa, caracteristicamente local, interfeira demais para criar estranhos as condições de fácil sociabilidade de que só as naturezas maldéias são susceptíveis. Filinto era tímido, retraído, indolente, e apenas entre amigos de longa data se mostrava jovial e expansivo. Era essencialmente um poeta e não tinha outra actividade senão a das letras.

*O Louvre e a Torre de Nesle, no tempo em que Filinto Elísio esteve em Paris. Emão, no momento esquerda, a famosa Torre de Nesle occupava o lugar que mais tarde seria preenchido pelo pavilhão deste Instituto.*

Por estes motivos, e passado o inebriamento da novidade, é que o isolamento lhe foi mais triste e mais amargo, tanto mais que a ignorância da lingua, como observa A. Sane, lhe cercava os meios de subsistir e de conviver e lhe tornava mais escura a solidão. Mais tarde, Filinto confessa: «Foi então em Paris, há 26 anos e tenho ainda vergonha do mau francês que falei e do francês que ainda pior que escrevi».

Um dos seus passeios favoritos era o jardim do Luxembourg, que o atraía pelo ar campestre e tranqüilo. E o poeta, com um livro na mão, atravessava a verduza das suas alamedas e a procurar entre as sombras o lugar mais retirado para ler e para chorar.

Numa carta em verso, Filinto refere ao seu amigo Verdier esses passeios solitários:

Quando do Luxembourg a lentos  
passos  
Magoado enfilo as léctas lamedas,  
Vou mudo e só, tem ter a quem  
lortjeje  
A quem gostoso fale, ambrigo abraço,  
Quais os tinha na Elysia em tanta  
lédpia,  
Quando o fado gomeiro me soprava,  
Sobe-me à mente logo o desamparar  
Que me aperta inocente em terra  
extranhin,  
Os bens perdidos, a manchado fama,  
E o que vai mais que os bens — os  
limes amigos.  
Meu caro Verdier, c'um livro aberto,  
Aqui (digo entre mim) as verdes ruas  
Plavaa neste bosque; eile m'oi disse:  
Quando eu tão mal cultivado  
l'ss-las,  
Que bem lembram palavras dos ami-  
l'igos  
Nas longas horas da calada ausência!  
Ali quiseira verte, a mim torrado,  
Como quando em Lisboa entre os  
l'abores  
Da lhana companhia prazenteiro  
Delicavamos pontos delicados...

Esta tristeza nostálgica, esta vida sem objectivo, esta impossibilidade de adaptação, levavam-no a isolar-se, cada vez mais, a procurar o campo e os silêncios que o envolvem. E assim, safu de Paris e foi instalarse em Choisy-le-Roy, nos arredores da cidade, numa curva pittoresca do Sena, onde as águas são calmas como as dum lago, e cór de esmeralda porque espelham as árvores que se inclinam sobre o rio, e onde o caule que fó de Madeleine de Montenier, e que Luis XV embelezou para acomodar dignamente a sua favorita, lembra os amores mortos de Madame de Pompadour.

Toda esta beleza de que emanava um suave perfume de poesia bucolica e passionaal não foi capaz de impressionar o poeta que era Filinto Elísio. Ali esteve alguns anos deprimido e apático, em absoluto retraimento, sem conhecer ninguém.

Impressões que colheu e as notas que escreveu são amargas e pessimistas. As cenas mais características, os episódios mais pittorescos, o juízo dos divertimentos tão alegres

ricos do povo francês, são para ele motivos de maldéncia e de exasperação. Uma das suas notas desce assim é sobre a vida dos *quinquettas* (que ele chama *quinquettas* por seu horror ao francesismo), espécie de escabretas dos subúrbios de Paris, muito frequentados aos domingos e dias de festa por gente que se diverte das mais variadas proenências fidalgos, burgueses, artistas, poetas, modas e *lorettes*, e com visível mau humor e com detalhes burlesco que ele pinta o quadro: «Essa casa de pasto nos arredores de Paris, as quais são também tabernas e casas de baile. São tantas e tão diversas que não dá para dar a descrição. Algumas têm salão e jardins tão vastos, que folgando dançaram nelas quatrocentas pessoas. Tempos houve (em 1760), em que os príncipes vinham dançar, acompanhando-se de várias cortizas, dançarinos, dançarinas e outras cortizas. A esta frequência de toda a casta de povo, e a celebridade de certas *quinquettas* e de seu taberneiro onde Pálissot no canto 3.º da sua *Duocidade*... (?) O comum é que aos domingos e festas se enchem todas de inenno povo, de ambos os sexos, que sentados às mesas, bem servidos por diligentes criados, comem fino, bebem largo riem de cacaaras, dançam à fiveteia, e detam uma cá fora todas as senarias. Fimdo o folgoado, abraçam com vigor novo, na segunda-feira o usado trabalho».

Os cronistas do tempo referem-se, com curiosidade e com interesse a estes recintos de prazer, muitos dos quais tinham legendas, ora poéticas ora heróicas, como *L'Égale Royale* e *L'île d'Amour*, e eram lugares de inspiração e de refúgio dos poetas chamados retrictorios e dos artistas da boémia.

O poeta Scarron, que frequentava muito o *scabret*, allude a estes nos seguintes versos:

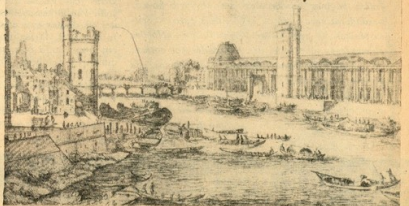
**PARIS**  
**TEMPLE**  
**DE LA**  
**LIBERTÉ**

Que j'aime le cabaret!  
Tout y rit, personne ne querelle;  
Là barcelle.  
Il'y tient lieu de tabouret,  
Tray Dieu! que le vin est bon!  
Qu'il est frais! d'une main verte il  
pétille.  
Qu'on me grille est  
Vite ment de ce jambon.

O pintor Jean Verbe fixou também numa tela movimentada e colorida a vida típica duma *quinquette* que, com curiosidade e com interesse, figurar no seu salão consagrando os costumes e a alegria da grande capital.

Era natural que Filinto, com o seu humor escuro de homiziado, a sua timidez e de *quintess*, o retraimento próprio dos seus hábitos e educação se ressentisse do movimento estranho e da luz para ele, daquele ambiente fetto de entusiasmo e espírito de tuitio, convívio em que se destacava o ruído libertino dos risos e das beijos!

(Continua na página 16)





# CALÇADA DA GLÓRIA

ANTÓNIO MARIA



O editor António Maria Pereira foi, há pouco, convidado para fazer parte do grupo dos «Antónios». Como sabem, existe agora a febre dos «grupos omni-místicos». Há-de passar, como todas as febres que não são mortais, mas enquanto não passar todos nós, mais ou menos, lhe temos de sofrer as consequências epidémicas. Pois António Maria Pereira foi convidado para os «Antónios», e agradecendo a honra do convite recusou-a, nestes termos:

— Eu não devo pertencer a mais do que um grupo deste género e, há muito, que se formou em minha casa um grupo destes...

E explicou:

— Meu avô era António, meu pai era António, eu sou António, tenho um filho António, uma filha António — e 45 primos Antónios...

A escusa afigura-se muito justificada. Resta saber se o conhecido editor poderá legitimamente escusar-se — a entrar no «grupo dos Marias»...

O DENTE



O dr. Paulo Merla, lente do Direito, teve, há pouco, necessidade de tirar um dente. Porque o caso não é para graças, fez-se acompanhar ao dentista por um dos seus mais íntimos e queridos amigos: o dr. Nuno de Moura Teixeira. Sentado o paciente na cadeira dos suplicios, o dentista começou a obra. Primeiro esticou, nada; segundo esticou, ainda menos; terceiro esticou, menos ainda — e só ao quarto esticou, dado com alma, o dente arrancou.

— Mas que dente tão tremendo! — exclamou o dentista a suas por todos os lados. — E que feito tão esquisito que lhe tem!

— Ah! sim! — murmurou Merla, apertando a cara toda dorida — Então, ó Nuno, manda-o para o museu, manda-o para o museu...

Não irá para o museu, mas o dr. Nuno Teixeira não deixará de o remeter, incisivamente, ao Instituto Jurídico.

A Calçada da Glória regista e agradece os seguintes livros que lhe foram enviados: «Os escravos da Morte», livro de novelas de Guedes de Amorim, série de água-fortes onde o autor da «Aldeia das Águas» se afirma na plena posse das suas

faculdades literárias; «Vagas altas do maro», em que Ramiro Martins nos prova, a avialar pela sua estroia, que faz excelentes versos no dia em que os quiser fazer; «O Molit-Callado», excelentes páginas humorísticas de Abreu e Sousa, verdadeira cura para os hepáticos e para os neurastênicos; e três volumes jurídicos — «Noções elementares sobre a lei das sociedades por cotas», de Avevino de Faria; «A escola de Viana», de Egídio Namorado; e o primeiro número da «Revista de Direito» — três edições da «Atlântida» a provarem-nos que ainda há quem escreva «direito» apesar do mundo estar tão torto.

## O DR. CARLOS SANTOS VISTO AO RAIOS X

Os jornais divulgaram largamente a operação sensacional feita, há pouco, pelo Prof. Dr. Carlos Santos e que consistiu, nada mais nada menos, do que em extrair do pulmão dum paciente uma agulha que ali se alojara há quarenta anos, quer dizer: ainda no tempo do antigo regime. Os méritos clínicos do dr. Carlos Santos — um dos príncipes da radiologia em Portugal — estão tão consideravelmente reconhecidos, que seria quasi inútil apregoa-los. Mais ainda do que um professor — professores há muitos — é um mestre. Publicando hoje a sua caricatura prestamos-lhe a maior homenagem que se pode prestar, hoje, a um homem ilustre a quem se deve, entre outras operações dignas de crédito, esta que a sua modestia nunca divulgou: ter extraído com grande rapidez e com simples anestesia local uma 'libra em ouro que certo avarento tinha engolido...

Já é preciso ser radioscopicamente hábil!



## MOCIDADE

NUM recente almoço dos antigos alunos da Escola Politécnica, um conhecido homem público proferiu um discurso em que confrontou a mocidade do seu tempo com a mocidade actual, e concluiu que os rapazes de hoje ainda são, de certo modo, os homens dos quarenta anos para cima. Não obstante o que há de *blague* e de paradoxo nesta afirmação, a verdade é que, nos tempos presentes, a juventude, mercê de várias circunstâncias, começa a envelhecer dentro das fraldas. Dizia João Penha que, aos vinte anos, em plena mocidade, só uma dor existia: a dor de dentes. Se João Penha resuscitasse, com a sua boémia doada e o seu charuto esfumante, reconheceria que a dor de dentes era, afinal, das menores dores que afligem ou, pelo menos, que parecem afligir a juventude actual. O fenómeno não é de agora, e não se verifica apenas entre nós. É um facto constatável em quasi todo o mundo dito civilizado. Os homens começam a complicar a vida muito cedo. As mulheres, também. Por outro lado, os horizontes não são claros, de forma que a alvorada reveste-se, com frequência, das cinzas do crepúsculo. Perdeu-se, ou quasi, o dom de rir. As únicas pessoas que, nascendo alegres, se conservam ainda alegres pela vida fora — são aquelas que muito boa gente apêlida de selvagens. Há ainda rapazes, felizmente, mas o caso daquele «debbé» que, aos seis meses, farto do mundo, deu um tiro na cabeça, é uma imagem ponderável e elucidativa. Debrucemo-nos sobre ela e façamos por rir — para não chorar...





Leopoldo III, agora tanto em foco pela sua política com vencidos e vencedores

O mundo dificilmente terá esquecido a revelação sensacional e inesperada, feita por intermédio da estação de rádio-difusão parisiense, pelo homem que era então chefe do Governo francês — contra o soberano dum país amigo e aliado. No dia 28 de Maio de 1940, Paul Reynaud, cujo prestígio e cuja autoridade eram enormes, anunciou, na sua voz cortante e implacável, que o rei Leopoldo III dos belgas tinha traído a causa que se comprometera a defender. As suas palavras eram precisas e glaciais e pareciam animadas pelos acentos dumha verdade irrefutável e definitiva: «O exército belga — revelou Reynaud — acaba de capitular inesperadamente. A rendição foi feita no campo de batalha, sem condições, por ordem do rei. Este último, que sem prevenir os seus companheiros de luta, franceses e ingleses, abriu ao exército alemão o caminho de Dunquerque. Este facto não tem precedentes na História».

Que parcela de verdade existe nesta acusação terminante? É certo que os antecedentes próximos do rei relacionavam com a actividade política do soberano belga serviam, de alguma forma, para a explicar. O rei advogara nos últimos tempos a neutralidade como a única posição correspondente aos interesses essenciais do seu país e procedera de acordo com esta ideia. Era, evidentemente exagerado atribuir-lhe o exclusivo das responsabilidades pelo malogro dessa orientação. As hesitações do grupo franco-britânico, com cujo apoio se fizera a política externa da Bélgica, em seguida à guerra de 1914-18 perante o rearmamento e a agressividade crescente do Terceiro Reich, justificavam amplamente, quando outras razões não houvesse, as dúvidas que, por toda a parte, se suscitavam sobre a vontade real que a França e a Grã-Bretanha tinham de se opor ao expansionismo germânico na Europa.

Havia, é certo, as preferências marcadas do rei por algumas individualidades cujas tendências pró-alemãs não ofereciam dúvidas a ninguém. A mais conhecida e cotada dessas individualidades era o chefe socialista Henri de Man, autor do famoso plano de trabalho que vulgarizou na Europa os conceitos de planificação hoje correntes nos partidos socialistas de todo o mundo. Mas bastariam o neutralismo reconhecido do rei e a sua preferência por determinadas personalidades para justificar a acusação dramática formulada contra ele por um homem — com a categoria e as responsabilidades de Paulo Reynaud?

Os que não queriam aceitar a ideia de que o rei dos belgas havia traído a causa dos aliados encontravam na tradição magnífica e heróica de seu pai um argumento de ordem sentimental cujo peso era incontestável. Não, o filho do Rei-Soldado era, decerto, incapaz de atralçoar a herança espiritual de que se constituía depositário quando subiu ao trono. O seu procedimento tinha-se, segundo todas as probabilidades, fundamentado em razões sólidas. Os acontecimentos, entretanto, não tardaram a dar uma aparência de razão a esse procedimento. Como o exército belga, o exército francês foi obrigado a capitular em três semanas. Antes disso, o

corpo expedicionário britânico reembarcava em Dunquerque. Como poderia ter resistido, eficazmente, um exército belga fraco e sem auxilio estrangeiro?

A volta do tema da traição do rei Leopoldo III, as opiniões dividiram-se. Os seus acusadores da primeira hora, numa proporção razoável, fizeram-se seus advogados. O próprio chefe do governo belga, Hubert Pierlot, que começara por adoptar a tese de Paul Reynaud, veto, pouco depois, justificar o procedimento do rei ao dizer, num discurso proferido em Londres em 21 de Julho de 1940: «Deejamos, ardentemente, que o pensamento de todos os belgas, sem distincão, seja dominado por uma única ideia: a de se unirem à volta do seu rei». O ministro dos Estrangeiros, Paul Spaak, que foi com Pierlot o intérprete e o executor da política de neutralidade do rei, seguiu a mesma evolução. Os presidentes do Senado e da Câmara dos Depu-

casamento com a filha dum antigo ministro da coroa, Maria Baels, a quem o soberano belga, embora excluindo-a de todos os direitos inerentes à sua elevada posição oficial, deu o título de condessa de Rethy, Os belgas difficilmente aceitaram que a segunda mulher do rei Leopoldo usasse o nome que fóra dado à saudosa rainha Astrid, cuja popularidade incomparável criou ao próprio rei uma aureola que o seu procedimento ulterior não justificou.

A acusação publicamente formulada contra o soberano belga, e a qual se associaram os partidos da esquerda, socialistas e comunistas bem como um grande número de liberais, diz respeito à sua recusa a acompanhar no exílio, como aconteceu a muitos outros soberanos cujos países foram invadidos e ocupados, o seu governo e a dirigir efectivamente o movimento de resistência nacional durante o período da ocupação. O rei, como se

# UM ASSUNTO DE QUE SE FALA

## O DRAMA POLITICO E SENTIMENTAL DE LEOPOLDO REI DOS BELGAS

tados, van Cauwelaert e Gilon, manifestaram publicamente o seu arrependimento por se haverem pronunciado contra o rei, que foi, desde o inicio, calorosamente defendido pelo ministro das Finanças, Gutt, que gozava de excelente reputação nas capitais aliadas. Robert Goffin, o conhecido homem de leis e de letras, que começara por ser um adversário implacável da attitude do rei, escreveu mais tarde em sua defesa um livro veemente e documentado com este titulo: «O rei dos belgas trauf».

Este processo com cinco anos de existencia aparece agora evocado a propósito do regresso do rei Leopoldo ao seu país e da crise politica profunda a que esse regresso deu origem. As razões que justificam ou condenam o soberano passaram para o plano puramente histórico. Agora é da politica, com todos os seus acidentes, que se trata. A opinião pública na Bélgica mostra-se profundamente dividida, e essa divisão reflecte a necessidade de resolver, num prazo mais ou menos curto, o problema das instituições politicas do país.

É incontestável que alguns dos actos praticados pelo soberano, durante o período em que o seu país esteve ocupado pelos alemães, contribuíram poderosamente para excitar as paixões entre os belgas que suportaram um regime de violências e arbitrariedades, e tiveram, finalmente, de se refugiar na resistência com todos os seus riscos. Alguns desses actos do soberano são de natureza politica, outros, embora as suas repercussões não devam considerarse menores, são de ordem puramente sentimental.

No número desses últimos deve referirse o seu

sabe, considerouse a si próprio prisioneiro de guerra e permaneceu, durante quasi todo o período da ocupação — até Julho de 1944 — no castelo de Laeken, segundo mais tarde para a Alemanha onde foi libertado pelas forças aliadas.



Maria Lilian Baels, esposa de um rei mas que não é rainha



*A margem da alegria*

# A FEIRA POPULAR

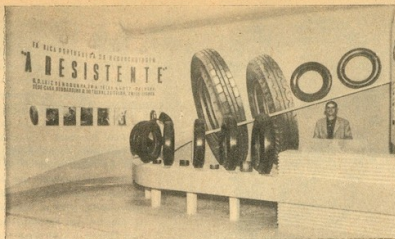
GRANDE EXPOENTE DA VIDA  
COMERCIAL E INDUSTRIAL  
DO NOSSO PAÍS



Feira Popular, com a sua organização esplêndida — Feira de Amostras se lhe pode também chamar — é hoje o primeiro centro de reunião do país. A Lisboa ocorrem, todos os dias, milhares de forasteiros para gozar um dos mais belos espetáculos de todos os tempos, notável expoente do nosso progresso industrial, comercial, artístico e científico — pois tudo isso representa o certame do Parque de Palhavã, que é, ao mesmo tempo, um magnífico exemplo de solidariedade humana.

Esta página ilustra, naturalmente, de um modo absoluto, o conceito em que o público tem a Feira Popular — um recinto por onde diariamente estão a desfilar cerca de cem mil pessoas e que vale, não só pelo que representa de alegria, de horas bem passadas, mas, ainda, e principalmente, pela grande demonstração que nos dá do valor da nossa actividade social.

A margem da alegria, é preciso considerar a Feira Popular um grande acontecimento político do nosso meio: a política das nossas mais expressivas manifestações económicas e financeiras, num certame que é uma parada maravilhosa na vida portuguesa.



«Standa da  
«FABRICA PORTUGUESA DE RECAUCHUTAGEM RESISTENTE»

Fábrica: Rua D. Luís de Noronha 28-A (Telefone 4 4017)  
Sede: CASA BERNARDINO, Rua do Telhal, 21 (Telefone 2 6115)  
Processo «RECAP», único em Portugal, no qual o pneu só recebe calor no piso, ficando assim com a maior duração na sua quilome-tragem



«Standa da COLCHOARIA DAS AVENIDAS, L.»  
Avenida Marquês de Tomar, 59 — Telefone 4 1335  
Fábrica de Sofas-cama, maples-cama, cadeiras-cama  
(Modelos registados)

**NÃO ESQUEÇA...**

No recanto mais delicioso, entre árvores e flores, num ambiente de alta categoria, o

**RESTAURANTE VESUVIO**  
apresenta aos distintos visitantes da FEIRA POPULAR as mais finas ementas

**Teatro  
Mestre Gil**

O espectáculo da FEIRA  
mais alegre para  
todas as idades

Visite o «Standa» do  
**GELADO LUSO**  
Especialidade de  
gelados à italiana  
Qualidade superior  
Copos e cassatas  
(Frente ao cinema Vitória)  
FEIRA POPULAR



«Standa da firma  
GUEDES SILVA & GUEDES, L.»  
Rua Eugénio dos Santos, 32-34  
Lisboa — Telefone 2 3746  
Ferragens — Ferramentas  
Cromagens  
(Grande Prémio de Honra e  
Medalha de Prata na Exposição  
Industrial Portuguesa de 1932)



**NO GO  
CIRCO**

Director: **CAY GIANNELLI**

Todas as noites na  
FEIRA POPULAR

Espectáculo contínuo desde  
as 22 horas

Nas dias festivos, «matinée»  
Infantil às 17 horas

Os melhores palhaços  
**IRMAOS CAMPOS**  
e 10 atrações

Stand «AGUA DE S. MARÇAL»  
da Sociedade das Fontes, L.  
Quinta do Sales — OURELA  
(Telefone: Algés-88)

Considerada pelos médicos uma  
das melhores águas de Portugal



A 65 anos, meu amigo, era marçano numa pequena loja ali a S. Domingos!

O sr. Cipriano fica um momento a pensar. Depois, com vivacidade, continua:

— O patrão era meu padrinho e eu tinha vindo da terra, da Loual, era fraquito, mas já sentia orgulho de me encostar ao balcão. Trabalhava-se imenso. Ajudava a descarregar as carroças do feijão e do açúcar. Horário não havia. A faina começava cedíssimo, logo às sete, e por volta da meia-noite almda havia que fazer.

— Quanto ganhava?

— Nada. Apenas cama, mesa e a roupa lavada.

— E gorjetas?

O sr. Cipriano fica a olhar para nós, um pouco admirado. Depois, a sorrir:

— Gorjetas? Isso é coisa moderna. Algum bofetão, não digo. A disciplina era rígida. Ninguém, há 60 anos, estava dentro do balcão de mãos cruzadas. Havia sempre que fazer, que mexer.

\* \* \*

O leitor há-de perguntar: Quem é o sr. Casimiro? Tem todo o direito de fazer a pergunta a que vamos responder:

O sr. Cipriano — é um fenómeno. Suponham um homem destes caixeiro da Association de Mercaderias de Nova-York. Durante 65 anos correu as mil longas avenidas que envolvem a imensa cidade americana. E por todas as mercaderias deixou encomendas, desde o atum de conserva à ginja de compota.

E o americano multiplicava aquilo tudo com a patção das estatísticas de que enferma.

E o sr. Cipriano seria assim apresentado:

— Aquel está um homem-fenômeno, verdadeiramente fenomenal. É o rei dos caixeiros-viajantes do mundo!

«Mister» Cipriano, da Association, vendeu, durante 65 anos de actividade, 500.000 toneladas de bacalhau. Foi preciso que a frota bacalhoeira por três vezes demandasse a Terra Nova para que êle, pontualmente, servisse 1 milhão e setecentos mil fregueses. Calcula-se que o açúcar que forneceu, daria para temperar uma chavena de café a toda a humanidade, incluindo os índios de Amadzonas, que só roem pau de canela. Um cambião de mercadorias que quisesse transportar o feijão colocado pela sua actividade, chegará, em linha recta, de Lisboa ao Estoril. «Mister» Cipriano, acabou um jornal americano por confessar, é multi-millionário — e só recebe às terças-feiras, de tarde, com carta de apresentação.

\* \* \*

Mas a sr. Cipriano, competente para apresentar o sr. Cipriano, o deano dos caixeiros de praça de Lisboa, velho empregado estimadíssimo do Alves Dintz.

É um homem alto, almda despenhado, muito rijo, com um bigodinho que poderia ser cinéfilo, se êle já não tivesse oitenta anos. Fala com desembarço e com uma memória privilegiada.

Sentado à nossa frente, o sr. Cipriano começa a entrevista depois deste paréntese em que se fumaram dois cigarros.

— Pois é como lhe digo. No dia em que ali caixeiros — e não a vida coehberal, era um passo decisivo e solene — Lisboa estava em festa. Sabe por quê? Chegava a rainha D. Amélia a Lisboa!

É interessante a coincidência: hoje, volvidos tantos anos, estou aqui a recordar passos da minha vida,

## HISTÓRIAS DA VIDA QUE PASSA...

# A VIDA DO SR. CIPRIANO, CAIXEIRO HÁ 65 ANOS OU AS IMAGENS DE LISBOA ANOTADAS NUMA ENTREVISTA

quando ella chega, depois do exílio, a terra portuguesa!

O sr. Cipriano fica, um momento, a pensar. Dir-se-lia que a sua vida intensa de trabalho recueva, por um sortilégio do destino, meio século. O seu rosto luminoso sem dorrisse de alegria — e, novamente, com o cigarro nos dedos, continuou:

— Sabe qual foi a prova prática no meu exame para caixeiro?

E as suas palavras compassadas queriam dar solemnidade ao acto:

— Escolher quinze fardos de bacalhau num armazém! Olhe que não era tarefa fácil! Sai-me bem, e...

— E...

— Entrei para o Jerónimo Martins, que era a casa mais categorizada do país! Conservei-me ao balcão durante anos — e fui seu caixeiro de praça.

— Quanto ganhava?

doce, saladas — no Verão — pudim, no Inverno.

— E hoje ainda existe isso?

— Não. Os empregados de balcão têm horário como os das secretarias — e ninguém já usa de guardapés!

— Lembra-se de alguns fregueses que tenha servido?

— Oh! tantos, tantos! Só a Casa Real dava que fazer — continuamente a carregar as carroças. Hincas Ribeiro era freguês de rol — como o sr. João Franco, o sr. marquês de Val-Flor, a sr. condessa de Almeida, a família O'Neil, tantos, tantos...

— Jam aviar-se ao balcão?

— Raramente. Mandavam all os criados.

— E gratificações ao pessoal?

O sr. Cipriano parece não ter ouvido a pergunta. E recomeça:



O sr. Cipriano ainda hoje ganha honradamente o seu sustento

— Dez escudos, cama e mesa. Nós dormíamos no terceiro andar. Os patrões não queriam empregados casados. Otto anos consecutivos fui o rancheiro.

— Rancheiro?

— Sim, rancheiro. Era eu que tinha a obrigação de fazer todas as compras para a «mesa». Ia à praça.

Os patrões comiam na mesma mesa. Pareciamos uns verdadeiros «diordas». Bons tempos. Havia um coelhinho e um criado de mesa, fardado, que nos servia. Enfim, era o «Ritz» — frequentado pela caixeirada. E se visse os verdadeiros menús que eram servidos? Nem acreditava. Fruta, café,

— Quem lá muito à loja era a

grande actriz Virginia, esposa do actor Ferreira da Silva. Muito conservadora, pessoa de fino trato, dava-me sempre bilhetes para o teatro, que era a minha paixão. Quando foi do drama «A Dor Suprema», emocionou-me de tal ordem que dei um grito, quando Virginia representava certa patética. A illustre artista, que me reconheceu do palco — pois eu estava todo inchado numa boa frisa e ao lado do patrão — no outro dia, quando foi à loja disse-me: — O sr. Cipriano para a outra vez não grite, que arrasta os espectadores.

Há uma pausa. Entre o passado que se evoca e o presente que se vive, há sempre emoção, saudade, coisas que deixam raízes na alma e nunca mais se esquecem!

— Os grandes divertimentos eram, além do teatro, as emocionantes toudradas. Era o amigo do pai Casimiro, o extraordinário cavaleiro. Ia a todas. O passeio público era outro grande ponto de reunião. Sempre foguetório, música — e água fresquinha que era um consolo.

— E hoje onde passa o tempo?

— Hoje? Veja como tudo mudou! Sou Bentical! Não falo a um desafio. Grito, entusiasmamo como um ferreiro. Não sou sócio — mas quero-lhe tanto como se fosse. Lá estive na despedida do Albino, a dar-lhe as palmas. E meu amigo — e colega, pois também faz cobranças...

— E sobre cobranças? Qual a maior?

— Nem se fala. Num dia oitenta contos! Hias cobranças!

Nós ficámos a pensar nas cifras astronómicas que êste honrado co-adorador terá atingido durante tantos anos.

— Enganou-se alguma vez? Teve prejuizos?

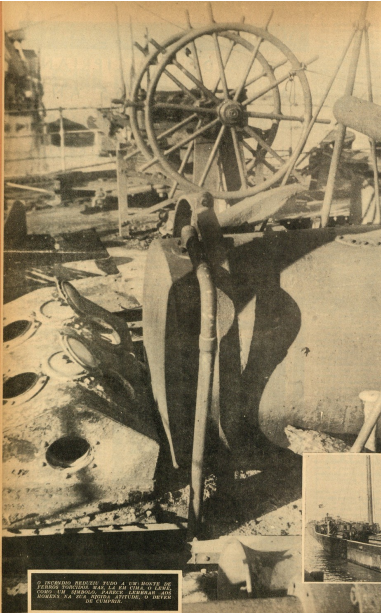
— Sim — apenas uma diferença, que me lembro, de 400800 duca mercaria all ao Rato, mas a meu favor. Quando cheguei ao caixa a prestar contas, vi logo que alguém teria ficado lesado. Guardou-se o dinheiro e, no dia seguinte, apareceu o dono a reclamá-lo. Eu não sabia de quem era — e o dinheiro foi restituído. Pois sabe o que me aconteceu? Esse mesmo patrão, anos passados, deu-me quinze escudos a menos, numa conta. Não reparé porque era cobre e vinha empacotado. Quando desembarhei e vi que em vez de 30800 continha 15800, reclamei. Pois o senhor esqueceu-se dos 400800 que lhe devolvi — pôs em dívida. Eu só lhe disse: «O senhor fuzano! Não são 400800, são 15800!». O homem teve um rebate de consciência e foi levar o dinheiro ao caixa.

A entrevista lá longa. O sr. Cipriano, de mais, já estava cansado de tanta pergunta.

Por isso, num apêrido de mão, deixamos que aquêle honrado trabalhador, um homem que toda a classe comercial estima, ficasse emboldado na contemplação dum passado que nunca teve mancha — e só prestígio.

É que êle deve recordar tantos rapazes que colocou no comércio e hoje são altos comerciantes, enquanto êle — vida tem disto — nunca deixou a pasta e os recibos — razão da actividade excepcional que nem mesmo aos 80 anos o larga.





UMA REPORTAGEM VIVA EM PLENO OCEANO

CARTUO SEGUNDO—O SALVAMENTO

O INCENDIO DO MELLO  
CRIMINOSO ACTO DE GUERRA!...

• POR JOÃO FALCATO •

**O** MELLO, após o ataque e colisão com o submarino alemão, foi incendiado e afundado. Os sobreviventes foram salvos por um navio britânico. O Mello, após o ataque e colisão com o submarino alemão, foi incendiado e afundado. Os sobreviventes foram salvos por um navio britânico.

À esquerda, ao ser atacado pelo U-boat, o pequeno submarino de guerra... À direita, o Mello, após o ataque e colisão com o submarino alemão, foi incendiado e afundado. Os sobreviventes foram salvos por um navio britânico.

Em 1941, o Mello, após o ataque e colisão com o submarino alemão, foi incendiado e afundado. Os sobreviventes foram salvos por um navio britânico.

À esquerda, ao ser atacado pelo U-boat, o pequeno submarino de guerra... À direita, o Mello, após o ataque e colisão com o submarino alemão, foi incendiado e afundado. Os sobreviventes foram salvos por um navio britânico.

Em 1941, o Mello, após o ataque e colisão com o submarino alemão, foi incendiado e afundado. Os sobreviventes foram salvos por um navio britânico.

À esquerda, ao ser atacado pelo U-boat, o pequeno submarino de guerra... À direita, o Mello, após o ataque e colisão com o submarino alemão, foi incendiado e afundado. Os sobreviventes foram salvos por um navio britânico.



O MELLO, depois de ser atacado pelo submarino alemão, foi incendiado e afundado. Os sobreviventes foram salvos por um navio britânico.

Um U-boat alemão, depois de atacar o Mello, foi visto por um submarino britânico.

Um dos sobreviventes do Mello, depois de ser salvo por um navio britânico.

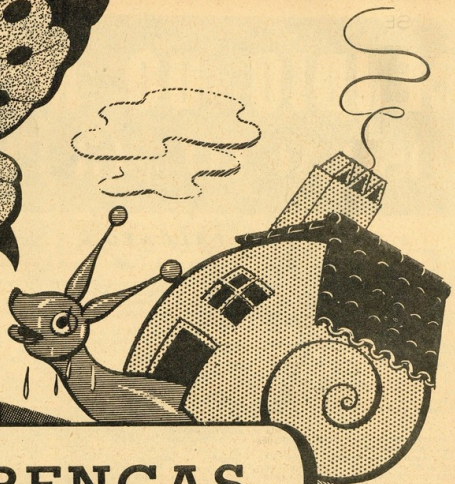
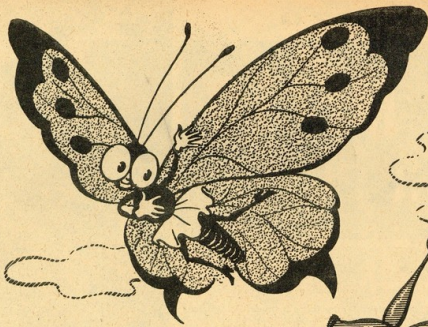


Depois do ataque, os restos do Mello foram encontrados no fundo do oceano. À esquerda, ao ser atacado pelo U-boat, o pequeno submarino de guerra... À direita, o Mello, após o ataque e colisão com o submarino alemão, foi incendiado e afundado. Os sobreviventes foram salvos por um navio britânico.



Um dos sobreviventes do Mello, depois de ser salvo por um navio britânico.





## DIFERENÇAS

A razão por que um motor a gasogéneo precisa de especial cuidado na lubrificação, reside na diferença indiscutível entre o combustível obtido de um gerador portátil e um outro, como a gasolina, fabricado numa refinaria.

Assim, ainda que os tipos de Mobiloil recomendados para os motores a gasogéneo sejam os mesmos que para os que funcionam a gasolina, impõe-se mudar mais freqüentes vezes o lubrificante e manter os filtros de óleo escrupulosamente limpos, a fim de combater a acção destruidora das matérias abrasivas arrastadas pelo gás pobre.

# GARGOYLE MOBIL OIL

SOCONY  VACUUM

2047





CASA

**Jose Costa**

RÁDIO  
L U Z  
S O M  
FRIGORÍFICOS

R. de S. Paulo, 11-12 Lisboa

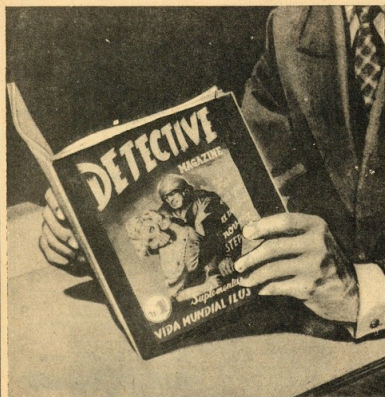
Telefone 2 4888



do  
**Semana  
à Semana**



O sr. dr. João de Deus Ramos foi, há dias, falar de Antero de Quental — e pode dizer-se que constituiu uma bela lição a sua palestra sobre um dos mais formosos poetas e uma das mais sólidas mentalidades portuguesas. O illustre conferenciante foi atentamente escutado e vibrantemente aplaudido pela assistência — numerosa e brilhante. Rebelo de Bettencourt, um poeta agorano, como Antero, disse veros do autor de «Odes Modernas», sendo também muito aplaudido. Na foto, além do dr. João de Deus Ramos e de Rebelo Bettencourt, vê-se o actor Luis Filipe antes da conferência, que se realizou no Museu João de Deus.



# DETECTIVE

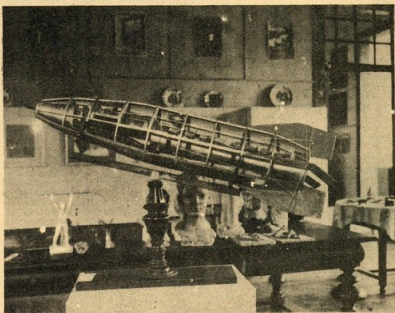
O MAGAZINE POLICIAL QUE TODA A GENTE LÊ!...

O ÚNICO MAGAZINE POLICIAL  
QUE SE PUBLICA EM PORTUGAL

36 PÁGINAS ILUSTRADAS ~ ESC. 2\$50

SAÍU O 3.º NÚMERO  
O 4.º SAÍRÁ POR ÉSTES DIAS!

“Detective” é distribuído gratuitamente a todos os assinantes de “Vida Mundial Ilustrada”.



Revelamos o nome dum pequeno homem de ciência: tem 13 anos, chama-se Alfredo Morais Valle e apresenta, no último Salão de Educação Estética da M. P. o foguetão de jacto-meteoro, para viagens intercontinentais ultra-rápidas, com passageiros. O modelo mede 1 metro de comprimento e foi inventado e construído por este pequeno artista — de certo um futuro engenheiro e homem de ciência. A «maquette» foi premiada no VIII Salão, que se efectuou em Lisboa e Porto, conforme oportunamente dissemos. Presentemente, este trabalho está exposto no I Espócio de Trabalhos Infantis do Vacuum Clube.



Com a presença do Chefe do Estado, numa festa que teve foros de acontecimento, os alunos do 1.º ano da Escola do Exército prestaram o seu simbólico juramento de bandeira. Duzentos e cinquenta futuros oficiais desfilarão e prestaram provas desportivas — equitação, esgrima, exercícios de artilharia e muitas outras provas, disputadas com grande entusiasmo.







UMA EXPOSIÇÃO  
DE  
ESTRÊLA FARIA



Estrêla Faria, sem pedir licença a ninguém para ser uma mulher de talento—apresentou uma nova coleção de quadros no Estúdio de S. Pedro de Alcântara. E vê-se que esta artista, tantas vezes distinguida pela crítica, pelos organismos oficiais e pelo público, mantendo-se em plena ascensão, valorizou, nestes anos de ausência, a sua nítida personalidade artística, servida por uma técnica que, dia-a-dia, se simplifica nos processos de construção de forma. De facto, Estrêla Faria, dos mais jovens e valiosos elementos do nosso meio artístico—onde não faltam, vamos lá, sólidas reputações—consegue coisas maravilhosas com essa simplificação—expressão nítida de magnífico talento que procura o que de sublime a arte pode oferecer-nos.



BEATRIZ RIBEIRO  
UMA ARTISTA DA  
MINIATURA

Para a vemos trabalhar, debrugamo-nos sobre a sua caixa de tintas e perguntamos:

— Quem foi o seu mestre?

— Em miniatura não tive mestre. Mas serviu-me de base a arte de Roque Gamito, que foi meu mestre aguarelista. Um dia decidi-me a tentar a miniatura. E parece-me que estou a vê-lo e a ouvi-lo, abanando a cabeça: «Não, parece-me que nunca serás miniaturista com essa tendência para a mancha larga... Temei, experimentei, apresentei o primeiro trabalho e recebi o teu incentivo: «Sim, deve continuar...»

— Trabalho de paciência, de tentativas...

— Principalmente, de paciência. Uma pequenina miniatura de cinco centímetros pode representar e trabalhar de 38 horas... Nenhum modelo superior a um horas de trabalho indispensáveis para um só assento. Por isso, recorro às minhas impressões na aguarela. Daí, transporei os motivos para a placa finíssima do marfim, uma superfície muito difícil de trabalhar, porque é oleosa. Cada pequena dobra, cada pequena sombra representam milhares e milhares de pontos, porque a miniatura não se trabalha em manchas, mas em pontos ligadíssimos. E é essa transferência de motivos não atreçada o original?

— Não, porque depois, quando o trabalho está quase pronto, volto à espose directa.

— Perguntamos a D. Beatriz Ribeiro se não faz tão depressa uma exposição.

— Impossível; não consigo juntar trabalhos, porque as encomendas de retratos e outros motivos são imensas. Mas já tenho exposto com êxito em exposições colectivas...

— Beatriz Ribeiro pega de uma lente e aplica-a sobre a pintura:

— Ninguém faz ideia do que representa, em azequíficos para aplicação da vista, um trabalho de tanta delicadeza...

— Valha-nos uma coisa que a artista não nos disse mas que nós sabemos ser verdade: Ao menos, a arte de miniatura, porque é rara e compreensível, é das mais bem remuneradas em Portugal...



A miniatura sobre o marfim perdeu nos últimos anos os seus melhores cultores. Mestres que se foram sem deixar discípulos, vínculos que se perderam, desenraizados da tradição artística, segredos que não tiveram ouvidos para os reter na memória e transmitir à sensibilidade artística.

Que é dos discípulos dos grandes mestres do século XVIII. O Porto conheceu-o. Eduardo Lobo de Moura foi um dos últimos e dos mais notáveis do século passado. Ainda hoje, o nome de Marques de Oliveira aparece à cabeça de todas as evocações, que foi o mestre de alguns poucos discípulos — e, entre estes, Adriana Ramos Pinto da Costa.

Em Lisboa, há também uma senhora que se dedica à miniatura sobre marfim — como se a arte aplicada pela primeira vez, por uma mulher, fosse quasi exclusivamente a arte para mulheres. Pintura intimista, para ser sentida na quietude de uma pequena sala — a miniatura encontrou na sensibilidade da sr.<sup>a</sup> D. Beatriz Ribeiro um extraordinário sentido poético e decorativo. No retrato, na composição — a figura atinge uma altitude imaterial, qualquer coisa de sonho que não perde a sua expressão humana e vivida.

Saltu dos seus dedos privilegiados e da sua inspiração delicadíssima, a placa de marfim emoldurada que reproduzimos juntamente. Há na sua arte um expoente de técnica e beleza que se funde nalguma coisa da Escola Francesa e até espanhola — mas não pode deixar de se notar que é muito português e pessoal a arte de pintar da sr.<sup>a</sup> D. Beatriz Ribeiro, a filha de um escritor que a morte não fez esquecer: Vítor Ribeiro.

ISABEL AREOSA  
UMA NOVA ARTISTA  
QUE VAI EXPÔR EM S. PEDRO DE ALCÂNTARA

DENTRO de dias, Lisboa vai conhecer uma nova pintora. É uma linda flor de magnólia durante dezasseis anos aquecida sob o sol dos trópicos, pois tantos foram os anos que Isabel Areosa viveu em Angola. Por lá andou, em companhia de seu marido, por lá sentiu a paisagem. E, um dia, das águas do colégio, a menina feita mulher passou a ser pintora.

Sem dúvida, esta senhora tem uma história: a sua dedicação à arte que desabrochou plena de cambiantes à luz do sol africano, o seu drama pessoal, a meio sem condições para responder às suas interrogações de artista. Mas, também, por outro lado, quantas seducções, quantas solicitações da natureza à sua paleta, quantas instâncias para que ela tentasse reproduzir na tela o que os seus olhos viam... Isabel Areosa veio agora à Europa. Mostrou a sua coleção de quadros — pintura intuitiva como a natureza que reflectem — e ficou-se na sua modéstia a reviver a beleza da África para além das suas telas luminosas.

— Por que não expõe?

— A sugestão partia de quem

lhe admirava os quadros. Então, Carlos Hottel deu-lhe a credencial. Aproveitou. Podia figurar no estúdio do Secretariado. Marcaram a data — e a exposição vai abrir no dia 30 deste mês.

— O que é a África?

— Pictorialmente, uma sugestão permanente para os pintores. Como centro de cultura artística não existe no mapa. Por aqui pode avaliar o que terá sido 17 anos em África, da luta contra o melro, para não eliminar o nível do meu gosto pela arte, onde não encontrara reminiscências de momentos estabelecidas...

— E agora?

— Creio que a crítica há-de compreender o que eu sou uma auto-didacta...

— Qual é o género de pintura que prefere?

— A paisagem. Nesta minha coleção de quadros, só apresento paisagens africanas. A figura aparece só como elemento decorativo e expressão de vida humana.

Damos duas reproduções de quadros de Isabel Areosa, a artista que se tem de fazer reproduzir.

— Não é verdade que a obra, feita mais do que as palavras?







LADY HAMILTON, LENDO «THE GAZETTE»,  
RETRATO DE RONNEY

A Revolução francesa, situada no seu reduto pelos soberanos da Europa, pelo chamado direito divino, improvisou tudo. Os exércitos ficaram desprovidos de oficiais pelo êxodo da emigração, e o instituto de defesa patriótica criou, de um momento para o outro, chefes e novos oficiais. Hoche, cabo das Guardas Francesas em 1789, era em 1792 general de divisão e comandante do exército do Reno. Junot, voluntário em 1792, foi promovido a general de brigada em 1798 na campanha do Egipto. O marechal Vitor, duque de Belluno, antigo soldado licenciado e taberneiro em Valence, alistou-se como voluntário em 1792, e um ano depois chegava a general de brigada. E Müsséna, Ney, Sebpre e tantos outros?

A Revolução improvisou tudo: novo calendário, novo sistema de pesos e medidas, novo sistema educativo, nova legislação e até *ersatz*, substitutos de produtos que vinham de longe, como o salitre, e que eram indispensáveis à defesa nacional.

O que ela nunca pôde improvisar foi uma marinha que se conservasse à altura dos seus exércitos de terra, e muito menos um almirante que estivesse a par de Hoche, de Massena ou de Bonaparte. Se tivesse podido conservar ao menos o que, nesta arma, existia no antigo regime, talvez que o poderio inglês tivesse ficado seriamente abalado. A marinha criada por Luís XIV revigorada pelo duque de Choiseul foi antiquada pelos jacobinos e pela emigração. E, tanto na República como no Império, baldaram-se todos os esforços para conseguir uma verdadeira esquadra. Nem a cooperação da frota espanhola pôde impedir a derrota de Trafalgar, o que significou o abandono, por parte de Napoleão, do seu plano de invadir a Inglaterra e de a dominar, como já havia dominado a Europa.

Se no prélio gigantesco que se feriu Napoleão é o herói da França, o senhor dos exércitos e das conquistas, o *enfant gâté* da vitória, o capitão de Marengo, Austerlitz, Wagram, Nelson é o herói inglês, o senhor das armadas, o leão dos mares, o vencedor das batalhas de S. Vicente, Aboukir e Trafalgar.

Amboz destes heróis na sua juventude não gozaram de boa saúde e ambos se julgaram fadados para outros destinos, o corso, um exipatriado, por amor da glória e da conquista fosse onde fosse na Córsega, na Turquia ou no Egipto, e o inglês, por amor do renome, e da glória de Inglaterra, nos mares do Mediterrâneo ou do Atlântico.

Tanto Napoleão como Nelson desposaram viúvas, e viúvas com filhos. Um seduziu-se dos encantos da crioula Josefina e também da protecção de Barras. Nelson, desiludidamente, matrimoniou-se com a viúva de um médico, por afecto, talvez por amor.

Napoleão conquistou louros sobre louros, mas foi vencido em Leipzig e Waterloo. Nelson, por assim dizer, nunca foi vencido. Mas ao passo que o capitão francês nunca foi ferido, apesar de se expor nos mais mortíferos combates, o inglês, nissio, foi um mártir. Em Santa Cruz de Tenerife perdeu um braço. Na tomada de Calvi ficou sem um, olho. Na batalha de Aboukir feriu-se na testa. E na de Trafalgar morreu com uma bala atravessada na espinha.

Que papel desempenhou o amor na vida destes heróis? Napoleão não foi amado pelas esposas, nem pela crioula, nem pela filha do imperador da Áustria, apesar de nunca se ter mostrado marido intratável. Parece que foi a polara a única mulher que o amou. Entre Nelson e a sua esposa houve certa afecto, que não resistiu, porém, à distância e ao tempo. E, por isso, logo que travou conhecimento com Lady Hamilton em Nápoles, em 1788, depois da batalha de Aboukir, sentiu-se fortemente atraído pela sua fascinate beleza, pela sua vivacidade e forte temperamento artístico.

\*\*\*

Emma Hamilton, em solteira Emilia Hart, foi uma destas mulheres de gênio e de aventura que, mercê do seu talento e dos seus dotes, soube, inescrupulosamente, aproveitar as circunstâncias da fortuna.

Filha dum ferreiro, nascida e baptizada em 1765 em Cheshire, cedo ficou órfã de pai, vivendo da caridade, até que sua mãe se transferiu para a terra da sua naturalidade, em Elmbridge. A sua infância, como o são as infâncias de criaturas assim nascidas, foi muito obscura. Não

teve educação literária nem moral, e por isso a sua mocidade infelucosa licenciou-se. Vários amantes a possuíram, até que foi cair no poder dum fidalgo, Charles Greville, muito excêntrico, muito culto, e muito chelo de dividas, que lhe montou casa.

Foi nesta situação que Emma se começou a educar, aprendendo a ler, e instruindo-se no canto, na dança e na declamação. Greville apresentou-a ao pintor Romney, então de muita voga em Londres, que admirando entusiasmamente a sua beleza sã, a sua brilhante coloração, lhe pintou o retrato.

Em 1784, o tio de Greville, embaixador britânico em Nápoles, numa visita que fez ao sobrinho, cativou-se extraordinariamente da formosura e da vivacidade de Emma. «Sirs William Hamilton propôs-lhe então, um negócio. O tio pagava-lhe as dividas e em troca Greville cedia-lhe a posse de Emma.

A dama não gostou muito da transacção. Mas sujeitou-se à transferência e fez o possível para tirar o melhor partido da sua nova situação. Partiu em 1786 para Nápoles, onde restou cinco anos como amante do embaixador inglês. Essa falsa posição não obsteu a que conquistasse a simpatia e amizade da rainha Carolina, que herdara muitas das qualidades de sua mãe Maria Teresa, menos as grandes qualidades morais. Carolina era esposa dum rei franco, e por isso era ela que pretendia dirigir toda a politica do reino, principalmente na sua opposição à Revolução francesa. Emma, inteligente, com capacidade artistica, tinha propozido natural para a intriga politica.

Para justificar o tratamento dado a Emma na corte de Nápoles, «Sirs William, de volta a Inglaterra em 1791, desposou-a.

\*\*\*

Napoleão havia imposto à Áustria o tratado de Campo-Formio. Havia-se assenhoreado do norte da Itália, organizando uma República Cisalpina, vassalla da França. Depois de Hoche ter tentado sublevar a Irlanda, e de terem ocorrido uma série de insubordinações a bordo de navios de guerra ingleses, o Governo britânico e o Directorio abriram em Nille negociações de paz. As exigências francesas foram um obstáculo a que se conseguisse qualquer resultado. Voltouse, pois, ao projecto antigo, já tantas vezes estudado no século XVIII, da invasão da Inglaterra.

Mas a frota holandesa com que a França contava era destruída em Camperdown pela armada britânica. E assim Bonaparte, de accordo com Talleyrand, propôs ao Directorio a conquista do Egipto, provincia turca, conquista que fornecerá a França uma magnifica base de operações para arruinar o dominio e o commercio inglês na Índia.

A concepção era arrojada e os preparativos tinham sido executados com tanta rapidez e com tanto segredo que os 335 navios da frota francesa puderam chegar a Aboukir sem serem incomodados pelo cruzeiro inglês do Mediterraneo. Mas dai a pouco, um mês apenas, surge Nelson, que destrói no mesmo porto quasi totalmente a esquadra francesa.

Nelson já conhecia Emma desde 1783, quando estivera em Nápoles por occasião das operações em Toulon contra a Republica Francesa. Ficara muito impressionado com a dama, mas foi só em 1798, de regresso de Aboukir, que começaram as relações intimas entre ambos.

O almirante inglês, a esse tempo, já não tinha um olho nem um braço, mas era um grande herói nacional. Lady Hamilton, mulher de forte temperamento artistico, não podia deixar de sorrir a ideia de conquistar o coração dum homem que tinha encheido a Europa com sua fama. A rainha Carolina, por seu turno, no seu odio à França, servia-se dela como instrumento de intriga politica, e empregava-a agora para exercer influencia sobre Nelson.

O grande almirante ficou inteiramente dominado por esta mulher. Ela gastara-lhe o dinheiro, conduzia-o quasi como uma criança e até o levitava ao fogo, victo que elle sempre odiava. Por causa della perdeu muitos amigos, sacrificou sua esposa, desbebeo aos seus servigos e incorreu no desagrado do rei.

As duas mulheres, Emma e

(Continua na página 16)



A MOIRTE DE NELSON





o general Patton e o general Neugebauer, cumprimentando o sultão de Tútilis.

**S**IMULTANEAMENTE com a mensagem dirigida ao povo francês e com a carta enviada ao marechal Pétain, o presidente dos Estados Unidos realizou também diligências diplomáticas junto do Rey de Túnis e dos governos de Madrid e de Lisboa, a fim de esclarecer as suas intenções e tranquilizar a Espanha e Portugal sobre os propósitos que o animavam e as tropas norte-americanas.

Na mensagem dirigida ao Bey de Túnis, da qual foi ao mesmo tempo enviada uma cópia ao Residente geral da França na Tunísia, almirante Esteve, o presidente dos Estados Unidos, depois de recordar a ambos que, naquela altura, estavam a desembarcar contingentes importantes do exército norte-americano em África, dava as seguintes explicações: «Tanto os soldados norte-americanos como os seus aliados esperam que lhes seja facilitada a passagem através do território tunísio a fim de poderem cumprir cabalmente a sua missão.

As garantias dadas pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos aos dois países da península Ibérica consistiam de mensagens entregues nas capitais espanhola e portuguesa. A embaixada britânica em Lisboa revelou o texto da que fora dirigida ao Governo português e que era contida nos seguintes termos:

«A propósito do desembarque de tropas dos Estados Unidos, durante a madrugada de hoje na África do Norte francesa, os embaixadores de Sua Majestade britânica em Lisboa e em Madrid receberam instruções para informarem os governos português e espanhol de que o Governo de Sua Majestade britânica está de acordo com os Estados Unidos quanto à execução e ao fim desta operação. Em vista do grande interesse revelado pelo Governo e pelo povo espanhol pelos assuntos relacionados com a situação no norte de África, Sir Samuel Hoare deu ao Governo espanhol, em nome do Governo britânico, a garantia de que as operações agora iniciadas em África não afectarão, de maneira nenhuma, o território metropolitano ou colonial da Espanha. Esse território será plenamente respeitado, e os interesses da Espanha no Norte de África não serão, de maneira nenhuma, afectados.»

#### AS GARANTIAS DADAS AO GOVERNO PORTUGUES

A mensagem a que nos referimos continua assim:

«O Governo espanhol foi informado de que estas operações não devem interferir com a troca de mer-

cadorias entre a Espanha e o exterior, para a qual são concedidos navios britânicos, nem com a continuação do comércio interno entre as duas zonas de Marrocos. O Governo britânico pensa mesmo que a execução destes actos comerciais será facilitada pela libertação do Norte de África da fiscalização das potências do Eixo, com a consequente diminuição do perigo submarino para a navegação aliada e neutral. Sir Samuel Hoare informou também o Governo espanhol de que o Governo britânico compreende perfeitamente o seu desejo de salvar a península Ibérica da guerra, e dos seus males, e deseja que a Espanha tenha todas as facilidades para se refazer das devastações da guerra civil, ocupando o lugar que lhe é devido na Europa reconstruída.»

Em relação a Portugal, a mensagem dizia:

«Em vista das íntimas relações existentes entre o Reino Unido e Portugal, as quais se baseiam, há dois séculos, na aliança anglo-portuguesa, o embaixador de Sua Majestade em Lisboa entregou ao Governo português uma comunicação em que se expõe o ponto de vista britânico sobre as operações agora iniciadas. O Governo português recebeu a garantia de que é firme intenção do Governo britânico que nem Portugal nem qualquer dos seus territórios ultramarinos sejam envolvidos em hostilidades por causa destas operações. O Governo britânico não tem intenção de praticar qualquer acto que envolva territórios portugueses da metrópole ou do ultramar.»

Numa outra mensagem, transmitida pela rádio aos franceses, o presidente Roosevelt anunciava a chegada das forças americanas à África do Norte francesa, e salientava que o fim das operações iniciadas era a libertação daqueles territórios da ameaça do Eixo e que com elas procurava assegurar que os Estados Unidos fariam tudo para promover a restauração dos ideais e das liberdades democráticas em França no mais breve prazo de tempo. A mensagem terminava por um apelo dirigido a todos os franceses, pedindo-lhes para colaborarem na execução dos planos norte-americanos a fim de se apressar o termo da guerra.

Simultaneamente, o Governo britânico dirigia uma mensagem, concebida em termos aproximadamente idênticos, ao povo francês, na qual podiam ler-se as seguintes passagens:

«O Governo britânico está plenamente de acordo com a política e as ideias definidas na mensagem do presidente Roosevelt. A acção das Nações Unidas está a realizar-se com o apoio e a colaboração do Governo

britânico e as operações que estão em curso por parte das forças norte-americanas têm a participação da Armada Real e das forças aéreas da Grã-Bretanha. O Governo britânico só tem um desejo em relação à França: apressar o dia em que os franceses, por toda a parte, se congreguem para restaurar a independência e a grandeza da sua pátria. A operação que agora teve início no Norte de África constituiu um passo dado para se alcançar esse fim.»

Ao mesmo tempo que era feita pelo embaixador britânico a diligência a que acima nos referimos, o Presidente da República Portuguesa recebeu, por intermédio do Ministro dos Estados Unidos, uma mensagem pessoal do presidente Roosevelt na qual este dava ao nosso país garantias análogas àquelas que haviam sido dadas em nome do Governo de Sua Majestade.

Esta tarefa preliminar, que acompanhou de perto a realização do desembarque americano na África do Norte francesa, veio a revelar-se posteriormente duma grande importância e serviu para demonstrar que a intervenção dos Estados Unidos no conflito se revestia de características especiais e excluía intencionalmente todas as acções militares que se não enterrassem plenamente justificadas.

#### COMO SE REALIZARAM OS DESEMBARQUES

Os desembarques dos três comboios que, como já dissemos, haviam saído dos portos ingleses e americanos, realizaram-se, simultaneamente, no litoral de Marrocos e da Argélia. Esta sincronização provava até que ponto os preparativos da grande expedição aliada haviam sido feitos até aos seus mais pequenos pormenores. A resistência, com que esses desembarques depararam, é que foi variável e dependeu, fundamentalmente, das características das pessoas encarregadas de a realizar e de condições locais imprevisíveis para o comando americano.

As forças dos Estados Unidos que desembarcaram na costa marroquina eram superiormente comandadas pelo general Patton, e estabeleceram-se inicialmente em três pontos: em Safim, ao sul do litoral marroquino, e em Medhia e Fedhala, ao norte de Casablanca. Ao aproximarem-se deste último porto, os transportes americanos foram acolhidos pelo fogo violento da artilharia dos navios de

# HISTÓRIA da nova GUERRA MUNDIAL

por CARLOS TERRA

## CAPÍTULO XXVII

### A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS

guerra franceses que ali se encontravam, os quais constituíam uma força de apreciável valor militar. O mais importante desses navios era o couraçado «Jean Bart», de 35 mil toneladas e de construção muito recente. Tratava-se duma das mais poderosas e bem construídas unidades navais das armadas de todo o mundo. Além do «Jean Bart» encontravam-se ancorados no porto de Casablanca um cruzador, algumas flotilhas de contratorpedeiros e diversos submarinos. Todas estas unidades tomaram parte na acção, que foi prolongada e excepcionalmente violenta. A aviação americana associou-se à luta, lançada dos porta-aviões que escoltavam os comboios de desembarque, e atacou violentamente os navios franceses que reportaram enquanto lhes foi possível.

Ao mesmo tempo que estes combates se desenrolavam na área do porto, em terra o general Bethouard, que era considerado um dos mais inteligentes e activos oficiais do exército francês, fazia uma tentativa para sublevar a guarnição local, a qual se malograra rapidamente. O general Bethouard foi preso e veio mais tarde a desempenhar um papel muito importante na organização e na realização da resistência em França.

(Continua)



O almirante Esteve, presidente geral francês da Tunísia, e sua esposa e rei de Túnis. A ambos os países insuportáveis foram garantias de desinteresse territorial.

some

BRANCO

A MELHOR PASTA PARA A HIGIENE DA BOCA



I — ESPIONAGEM DE ONTEM E DE HOJE.  
 II — A ESPIONAGEM PERANTE A MORAL.  
 III — EFICIÊNCIA DA ESPIONAGEM. IV —  
 ARMAS SECRETAS. V — TINTA SIMPÁ-  
 TICA. VI — MULLER, O DANDY ROWLAND,  
 ESPÍOPO POR AMOR. VII — UM ALFINETE  
 PODE PERDER UM HOMEM. VIII — SELOS  
 E PEQUENOS ANÚNCIOS. IX — A MÉSICA  
 E A PINTURA AO SERVIÇO DA ESPIONA-  
 GEM. X — A BENGALA DE MR. ARCHI-  
 BALD. XI — O ESPÍOPO CORREIO DE  
 NANTES, E O HOMEM DE PARIS. XII — AS  
 SEREIAS E A MULHER QUE MUITO GOS-  
 TAVA DE OVOS. XIII — HISTÓRIA DA  
 BELA LIZZIE WERTHEIM XIV — O DUPLO  
 ESPÍOPO. XV — MARTA RICHER, A SEREIA  
 FRANCESA. XVI — EMA STUBERT, AQUELA  
 QUE BRINCAVA COM O CORAÇÃO. XVII —  
 MATA-HARI FOI PREVENIDA DIAS VEZES.  
 XVIII — FRAULEIN DOKTOR, PROFESSORA  
 DE ESPIONAGEM.

# DESPIONAGEM DO PLO E ESPÍOPO POR COMARE

## UM EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"



Quem dirá que sob estes traços de tamanha beleza estava a mais terrível espia?

O agente duplo é o espípo que, dentro dum país estrangeiro, busca servir este país embora, em boa verdade, ele trabalhe contra. O seu papel consiste em fazer-se inscrever nos serviços de espionagem do inimigo, transformando os dados, evidentemente de pouco valor — acerca do país que pretende trair e usando de confiança e liberdade de movimentos que lhe são assim dados para espípo o adversário no seu próprio campo.

Devemos concordar que esta dupla forma de espionagem, sob o ponto de vista de nobreza humana, de moral e de honra, é a mais delicada... para nos servirmos dum termo moderado. Contudo, de uma maneira geral, todos os Estados em guerra recorreram aos serviços de dupla espionagem. Alguns eles — e não sem razão — que se por escrito, desdenhavam esta maneira de combater, fariam um jôgo falso, pois que o adversário não hesitaria em servir-se contra eles com as indiscutíveis vantagens que lhe comporta. É a justificação que pode exprimir-se por esta forma lapidária: «Para vilão, vilão e melo».

Nada mais resta sendo que a personalidade do duplo espípo não pode contar senão com a estima das mais relativas, tanto da parte do inimigo que lhe parece servir — e que o considera como traidor à sua própria pátria — como da parte dos que o empregam numa missão que eles parte dos que o empípo particularmente equívoco... No capítulo em que emitimos considerações sobre ética de espionagem, tivemos ocasião de citar o impiedoso julgamento levado por Montecauqui contra o espípo, e admitimos que este julgamento, pela sua rigidez, apresentasse alguma injustiça à frente de certos agentes de guerra cujos processos são «diretos» e cujos méritos os não inferiorizasse perante o soldado do campo de batalha; mas não é verdade que desta vez é bem a silhueta do duplo espípo que vemos através as linhas do célebre publicista:

«Observar em todos os seus detalhes a situação dum homem junto ao qual um falso título vos acredita, faz entrar na sua intimidade, provocar confidências e depois ir contar tudo, vender tudo a quem vos encarregou desta missão. A infâmia do acto faz julgar a infâmia da pessoa».

Nas memórias e recordações deixadas pelos duplos agentes, e que nós tivemos ocasião de apresentar, uma nota está conforme, uma vez mais, quasi a cada página com a regularidade dum «leit motiv»: a «incompreensão dos seus compatriotas em benefício dos quais eles trabalharam sempre: o desdém, a ausência dos seus chefes directos».

«Sob o pretexto de que eu servia dois lados — escreveu um deles — deixavam-me o meu dinheiro como a um cão!».

E acrescenta: «Parece não compreender-se que, também nós, servimos a nossa pátria e com uma abnegação que não cede à dos homens que combatem de rosto descoberto no campo de batalha. Que não nos digam que o combate do soldado é leal e directo, enquanto que o nosso é obrigatório e executado na sombra: responderei que está ali uma opinião superficial porque a guerra leal não existe senão na conduta de certos espípos. Pela sua própria natureza, toda a guerra é desleal e pífida. Ela começa por mais palavras, mentiras, manobras ocultas de um dos partidos; prossegue através de uma estratégia e de astúcias (um grande estratega não será o mesmo que um actuoso?) e termina pelo triunfo da matéria e da força bruta, entendendo-se que se a vitória sorriu ao partido do direito, não é a matéria, mas a alguma porque este partido tivesse o direito do seu lado mais porque as suas forças combatentes, visíveis e invisíveis, foram as melhores».

«Que não se desdenhe, pois, o nosso exército

invisível; também completa a sua tarefa indispensável. O espípo saúde o soldado que luta no campo de batalha, mas o soldado deve saber que o espípo denunciando as manobras e estratégias do inimigo, é o protector do soldado e que, de também, protege o seu combate com risco da própria vida».

«O duplo espípo trabalha para dois lados, diz-se por fim. E é ainda uma palavra bem cândida... Mas como, pois, se fará o inimigo, se nós não lhe fizermos pagar o preço dos nossos serviços? A que preço seremos nós forçados a obedecer para trair a nossa pátria? É uma verdade psicológica bem conhecida entre nós: quanto mais exigentes nos mostramos, mais o inimigo supõe que nos traímos realmente».

Tais são os sofrimentos e as azeites dos homens que, no exército invisível se chamam duplos agentes. Tal é a amargura à qual bem poucos dentre eles parecem ter escapado.

Mesmo no caso de Martha Richer — que absteve a cruz da Legião de Honra pelos serviços prestados à França — nós recolhemos queixumes no género deste: «Terrível profissão! A desconfiança envolve-vos por todos os lados. A vossa missão é fazer acreditar que traistes o vosso país. Mas o inimigo hesita: esta mulher que trairá não é, no fundo, uma espia que trabalha por conta da sua pátria... E os que vos enviaram duvidam também... Assim, o duplo agente está perpetuamente submetido a uma das mais cruéis torturas que se possa imaginar: é colocado entre dois fogos — e estes fogos podem algumas vezes mudar para fogo de salvação».

É um facto que, muitas vezes, a segurança do duplo agente, a sua própria vida, se torna mais pesada aos olhos dos seus chefes que o trabalho que lhe é forçado a atribuir. A história da espionagem



Uma das mais belas e notáveis bailarinas do príncipio do século, a espia Mata-Hari.



## MAURÍCIO DE OLIVEIRA



**M**AURÍCIO de Oliveira, um estudioso de assuntos estreitamente ligados à vida da marinha, escreveu agora um livro para evocar a vida das duas naus e um cruzador que, na armada portuguesa, tiveram o nome de «Vasco da Gama». Como os homens, como os países, os barcos são também um índice de acontecimentos, intimamente ligados à história da humanidade. A edição, que traz uma capa bem executada po. stuati, é da Marítimo-Colonial.

## FACA DE PAPEL

«Servidores de Reis e de Presidentes» — assim se intitula o livro que Vital Fontes ditou a Rogério Perez. Trata-se de um livro de memórias, onde a evocação de Vital Fontes ganha relevo pela pena do nosso camarada na Imprensa. Meio século de história, meio século de monarquia e república, incluindo alguns factos verdadeiramente curiosos — e alguns até inéditos — constitui este curioso volume, de leitura empolgante e, absorvente, que é, afinal, a vida de um homem que, durante cinquenta anos, serviu no Paço, depois feito presidente da República. A edição, cuidada, é da Marítimo-Colonial.

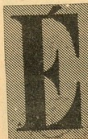
\* A Livraria Figueirinhas acaba de lançar um volume de indiscutível interesse: «Bernardino Machado» — que é o mesmo que dizer as memórias de uma das maiores figuras políticas e sociais dos primeiros anos da República. Assina o trabalho, que é profusamente ilustrado, o filho do ilustre estadista, António Machado. Plenamente sentido e vivido, este livro é escrito com uma autoridade indiscutível e feito com honesta isenção, constitui um dos melhores documentos para a história da República — se algum dia alguém puder escrever-lhe na sua minuciosa rebusca de elementos.

\* A surpreendente actividade do Dr. Fidelino de Figueiredo pôde, agora, dar-nos mais um livro de tom: a História Literária de Por-

tugal, a partir do século XII e a terminar no nosso século — numa história que, não obstante compôr-se de quinhentas páginas, é ainda um resumo de oitocentos anos de actividade literária. A edição — com uma bela capa — é da Editorial Nobel, de Coimbra.

\* «Mélanges de études luso-marocaines, dédiés à la mémoire de David Lopes et Pierre de Central», é um trabalho sério, escrito em francês e em português, e distribuído pela Livraria Portuguesa-Editora. Biografias, pequenos quadros históricos das relações e dos estudos intimamente ligados à vida de Portugal e de Marrocos, val contar-lhe, por certo, um excelente motivo de interesse para os dedicados a assuntos desta natureza.

# UM LIVRO NOTÁVEL DO PROFESSOR AMORIM DE CARVALHO



um grosso e sólido volume — sólido pelas idéias que contém e a maneira como as expõe, este livro de Amorim de Carvalho, intitulado «Guerra Junqueiro e a sua obra». Estudos e crítica — uma crítica objectiva e directa — eis o que este volume, editado pela Livraria Figueirinhas, nos envia, dentro das verdadeiras correntes de crítica literária e que contém os mais importantes passos da poesia de Junqueiro. Eis os capítulos desta obra de Amorim de Carvalho — ensaísta, poeta e crítico — e que traz um prefácio a palpitar de ternura pela obra do poeta de «Os Simples»; o romantismo e o realismo de Junqueiro; a formação poética de Junqueiro, desde as influências de Soares do Passos; o poeta lírico de pensamento social e filosófico; a transmutação compreensiva do pensamento poético para o pensamento discursivo; gestões do poeta ou deslizes dos críticos; estrutura silogística das simbolizações; a retórica, a sátira e a caricatura na poesia; o sentimento bucólico; o saudosismo, a crise religiosa, a verificação, o estilo e os tons estilísticos; as influências na obra, o simbolismo, Junqueiro e António Nobre, a avaliação estética e a crítica actual.

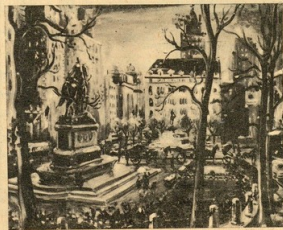
Pela enunciação, o leitor compreenderá estar em presença de um trabalho de nobres intenções e de árdua realização, mesmo quando ao seu serviço há o conhecimento das ciências humanas. O Prof. Amorim de Carvalho dá, assim, em toda a sua obra de crítico e ensaísta, uma vigorosa réplica ao Prof. Vieira de Almeida, Silva Correia e António Sérgio, num esforço de reconduzir ao aprêço e ao convívio das modernas gerações um poeta às vezes depreciado.

## UM PINTOR HOLANDÊS

GERARD HORDYK É UM PINTOR HOLANDÊS QUE, NESTE MOMENTO, ESTÁ A CONQUISTAR GRANDE EXITO NOS ESTADOS-UNIDOS. DAMOS TRES REPRODUÇÕES DE QUADROS QUE REFLECTEM BEM O GRAU DE TALENTO DO SEU AUTOR.



RIVE BEACH, EM NOVA-YORK, SEGUNDO HORDYK



ESTA É A RUA 39, DE NOVA-YORK, NÃO PARECE QUE O PASSADO E O MODERNO SE FUNDEM ADMIRAVELMENTE?



UM ADMIRÁVEL «INTERIOR» COM UM SEGUNDO PLANO DE RIVE BEACH

## CONTRASTE

Por que te quero? Oh! não, não sei  
 (dizer-te,  
 Por que te odeio? Eu nem sei bem  
 (contar-te  
 Se mais te odeio mais sinto amara-te  
 Se mais te odeio, menos quero verte.  
 Só te procuro, só, para evitar-te  
 E só te fujo se quero aparecer-te!  
 Corro pra ti se vou para esquecer-te,  
 Fujo de ti, se acaso hei-de encontrar-te.  
 Se estou contigo, só quero fugir!  
 E, se estou longe, só te quero ouvir  
 Se não te vejo, por te ver ansio...

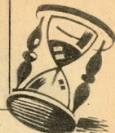
Talvez te odeie, por te amar, enfim,  
 Talvez te adore por sofrer assim...  
 ...  
 E mais te adoro, quanto mais te  
 [odeio!]

AUGUSTO CASIMIRO DA SILVA





# PALAVRAS



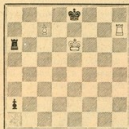
DIRIGIDO POR AGOSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

## XADREZ

FINAL DE JOGO

Sir G. Thomas  
(Bogoljubow)



As brancas jogam e ganham.

No torneio de Hastings de 1922, Bogoljubow propôs o empate nesta posição quando o tinha ganho, conformemente demonstrou Alekhine.

(Da «R. P. de Xadrez»)

## A BEM DA LÍNGUA

Por nos merecer o máximo interesse começamos hoje a transcrever do *Gêzeiro do Sá*, com a devida vénia, alguns artigos sobre a língua portuguesa, da autoria de J. M. da Silva Mota.

Como nos falta espaço, limitámo-nos a dar alguns exemplos.  
**Ansia** — Esta palavra escrevia-se antigamente *ância*. Havia dois erros nesta maneira de a escrever:  
1.º — O primeiro A não tinha qualquer acento, e por esta razão tanto se podia ler *ância* como *ância*.  
Hoje, desapareceu essa dúvida. O acento circunflexo indica que é nessa sílaba o lugar da tónica (síllaba predominante).

2.º — A palavra não deve escrever-se com C mas sim com S.  
*Ansia* vem do latim *ansia*, e o z latino passou para o português como a ou *sz*.

(Exemplo: *dixi* — em português — *dise*).  
Por conseguinte:  
*Ansia* e nunca *ância* e muito menos *ância*.

(Continua)

## PASSATEMPO

ANAGRAMA

Com as letras a seguir designadas a formar:

- 1) Uma cidade de Portugal:  
FORA
- 2) Uma vila portuguesa:  
DEI ALMA
- 3) Um país da Europa:  
A CARMINDA
- 4) Estado da Ásia cuja capital é Urga:  
LIGO MONA
- 5) Rio da Ásia que nasce nos montes Altai, a 500 metros de altitude:  
BOI
- 6) Rio da Ásia que nasce nos montes situados ao ocidente do lago Baikal e banha Iakutsk.  
ANEL

ANEL

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 23 (Concurso)

Por Vitorino de Sousa Valverde

(Nazare)

ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1 — Líquido mórbido caracterizado por glóbulos especiais e ordinariamente resultante de uma inflamação vulgar; árvore venenosa do arquipélago da Malásia. 2 — Césto de palha em que os indigenas do Brasil guardam cachimbos e tabaco e vários objectos; antiga fruta pastoril; sofrimento. 3 — Preposição e artigo (pl.); fazer morrer com os remos; medida de capacidade para sólidos usada no território de Damão. 4 — Parte da sala; designação de lista. 5 — Basse aéreo; inferno; o mesmo que oia. 6 — Reles; dabo; ver. 7 — Ala; lavrado; ama. 8 — Lado do vento (pl.); apoquentas; chefe etíope. 9 — Animal bovino; o mesmo que curral; planta labiada. 10 — Reze; criaria ovelis; iniciativo da pancada. 11 — Seguias; pouco vulgares; escudeiro.

**VERTICAIS:** 1 — A haste que termina em bico; antro; tiritura. 2 — Espécie de bol selvagem; relativo à doença dos ovidos; época. 3 — Coragem; muralhas que entestam com o baluarte; catraia. 4 — Casa onde se vende café e outras bebidas; molestar; grana quantidade. 5 — Passaro; tempo do verbo irar; nome de mulher. 6 — Não; qualquer corpo mineral; oferecer. 7 — Nome de mulher; grande quantidade; raiva. 8 — Família; completo adormecimento (pl.); pélos de certos animais. 9 — Partida; rebolar; árvore. 10 — Colocar; lubrificas; caminha. 11 — Conjunção; soietaras; occasio.

## DAMAS

CRITICA DUM JOGO DE «DAMAS»

Pelo Capitão Evaristo Borges

(Pórtó)

Tem três fases um jogo de «damas»:

1.º — Parte inicial, em que se procura superioridade de posição.

2.º — Parte intermédia, em que se praticam determinados «golpes».

3.º — Parte final, em que a par de uma inteligente concepção é essencial recorrer ao próprio grau de conhecimento.

Das três fases em que se divide o jogo, a última é, sem dúvida, aquela que desperta maior interesse e que oferece maior dificuldade de execução. Não se diz — e com verdade — que «um mau finalista nunca será um bom jogador».

Exposta assim a opinião que formamos acerca do assunto, segue-se um jogo disputado por correspondência entre António Lopes, de Ovar, e José Trindade Martins, de Vila Viçosa, para o campeonato Nacional presentemente em curso.

Brancas Lopes Lances Pretas Martins

PARTE INICIAL

12-15	1.º	23-20
10-14	2.º	28-23
5-10	3.º	32-28
1-5	4.º	20-16
14-19	5.º	23-14
10-19	6.º	21-18
5-10	7.º	27-23
10-14	8.º	25-21

As pretas adquiriram evidente superioridade de posição:

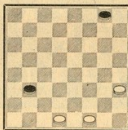
PARTE INTERMÉDIA

15-20	9.º	22-15
20-27	10.º	31-22
11-20	11.º	24-15
14-19	12.º	21-17
7-12	13.º	16-7
4-20	14.º	22-15

20-24	15.º	26-21
24-31	16.º	30-26
31-13	17.º	17-10
6-13	18.º	15-12
8-15	19.º	21-18
13-22	20.º	26-19-12

O condutor das pretas mostrou-se superior ao adversário, pondo em prática um «golpe» decisivo da vitória.

Nesta altura formouse o seguinte diagrama:

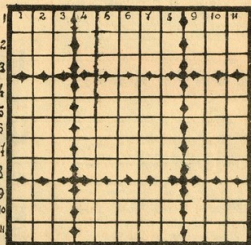


PARTE FINAL

2-6	21.º	12-8
3-7	22.º	8-4
7-12	23.º	4-8
12-16	24.º	8-15
6-10	25.º	15-19†
10-13	26.º	19-23
13-18	27.º	29-26
18-22	28.º	26-19
9-13	29.º	23-27
13-17	30.º	27-30
16-20	31.º	30-16
17-21	32.º	Empatam

O condutor das pretas inferiorizou-se nesta fase do jogo quando, ao 25.º lance, jogou 19-19. Executando este lance deixou escapar a vitória; o das brancas revelou rara inteligência, elaborando cuidadosamente um «final de jogo» que bons «damistas» poderiam facilmente deixar empatar.

Amos se mostraram «damistas» de movimento: um pela impedida condução do jogo, o outro pela inteligente e singular concepção com que soube finalizar, transformando num empate uma certíssima derrota.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 22 (Concurso)

- HORIZONTAIS:** 1 — Remodelara. 2 — Arames. 3 — Em; cras; rá. 4 — Neco; aves. 5 — Cri; aba. 6 — Ora; sol. 7 — Naia; bala. 8 — To; luo; to. 9 — Cania. 10 — Apareceras.
- VERTICAIS:** 1 — Reencontra. 2 — Ma; tri. 3 — Ma; ceal; cá. 4 — Orco; alar. 5 — Dar; unc. 6 — Em; sel. 7 — Lesa; boné. 8 — As; vasa; ar. 9 — Hicote. 10 — Acasalaras.

**PASTA MEDICINAL Couto TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA**

Medicinal pequena — tubo 16\$50  
Medicinal grande — tubo 16\$80  
Vulgar pequena — tubo 4\$80  
Vulgar grande — tubo 7\$80

**Tiká MATA PERCEIÇOS BARATAS PULGAS TRACA**

Vende-se nas Farmácias e Drogarias  
Depósitos:  
Lisboa — Largo do Contador Mór, 4-A  
Porto — Largo de S. Domingos, 108



COPY No. 2 (PORTUGUESE)

As famosas  
IGUARIAS, GÉNEROS ALIMENTÍCIOS  
E CONDIMENTOS da casa

**CROSSE &  
BLACKWELL**  
ESTABELECIDO EM 1706

chegarão



com a PAZ

composto de *Nentholum 8 grs - Methylum Salicylicum 8 grs  
Lanolinum Anhydricum 16 grs.*



Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1ª classe  
pela Faculdade de Paris

**O mais antigo Analgésico  
de resultados seguros**

Um medicamento que deve existir em todas as casas.  
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS  
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Ondas	Ondas	Ondas	Ondas
20,30				
às	19,50	19,70	25,30	25,40
21,00				
22,45				
às	19,50	19,70	25,30	25,40
23,15				

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da «E. B. C.», todos os dias das 19,45 às 20.

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da  
AMERICA em MARCHA**

**¡Desportos!**

O esforço desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado.



A falta e resistência combatidas demandam músculos sólidos e potentes



A prestação dos movimentos obriga a uma concentração de todas as energias



A agilidade e a rapidez de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos



A elegância de movimentos requiere a máxima elasticidade



O equilíbrio e a velocidade em baixas temperaturas produzem um maior gasto de energia



A velocidade exige um conjunto muscular resistente e bem tonificado



O impulso e o domínio requirem uma perfeita coordenação nervosa

A sensação de fadiga, a diminuição de força motora, de elasticidade nos movimentos, de agilidade, de energia, são os sinais de alarme pelos quais o organismo anuncia uma perda de resistência.

Se notar qualquer destes sintomas recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restitui-lhe o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto fácil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

Consulte o seu médico e peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

**Fósforo Ferrero**

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



**BELEZA**  
é a riqueza!

**BELEZA**  
é o poder!

**BELEZA**  
dos músculos da cara e a elasticidade da pele, são conservadas pelas vibrações-manuais da massagem do artista!

**BELEZA**  
da pele contem os tratamentos especiais e os preparados qualificados e individuais do especialista!

Diplom. Cosmetólogo  
Húngaro

**MARTIN ARANY**

Atelier e depósito:

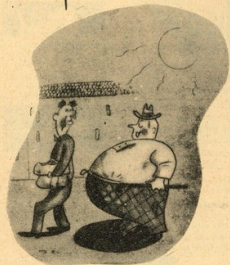
**INSTITUTO VITORIA, L.ª**

Rua do Ouro, 170, 1.º ~ Telef. 2.2072 ~ Lisboa

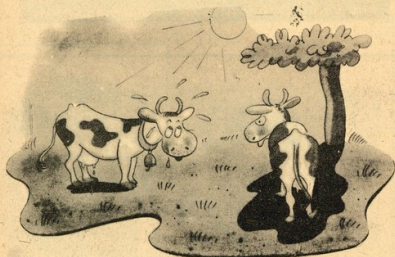
COISAS  
DO  
CALOR



— Minha senhora, trouxeram o irradiador eléctrico...



— Felizardo, ao menos aquele traz as pernas à sombra!



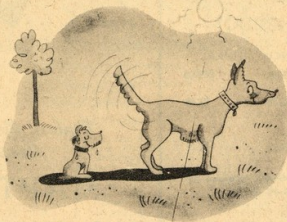
— Menina, vem para a sombra, olha que o teu leite é capaz de ferver ou azedar!



[Para a sardenta semi-adormecida] — Que pena, antes queria que não fosse às pintas!



CIPRIANO — Ah! hoje o Sol está realmente muito perto!



— Que rico ventinho!



— Meu marido foi para África...  
— Fêz bem, sempre fugiu à canícula...